



Existo

O mundo na cabeça

A sua cabeça no mundo

A síndrome

O gabinete de curiosidades

Ver é saber

Sete anos de viagem

Adivinhação à luz de Cioran

Kunicki: Água I

Benedictus, qui venit

Panopticum

Kunicki: Água II

Em todo e nenhum lugar

Aeroportos

A viagem às próprias raízes

Cosméticos para viagem

La mano di Giovanni Battista

O original e a cópia

O trem dos covardes

O apartamento abandonado

O livro da iniquidade

Guias

Novas Atenas

Wikipédia

Cidadãos do mundo, às penas!

Psicologia de viagem: *Lectio brevis I*

O tempo e o lugar certo

Manual

Banquete de Quarta-Feira de Cinzas

Viagens para o polo

A psicologia de ilha

Faxinando o mapa

Seguir a noite

Absorventes

Relíquias: *Peregrinatio ad loca sancta*

Dança do ventre

Os meridianos

Unus mundus

Harém (estória contada por Menchu)

Outra estória contada por Menchu

Cleópatras

Um quarto de hora muito longo

Apuleio, o burro

Os representantes da mídia

As reformas de Atatürk

Kalijuga

Coleções de modelos de cera

As viagens de dr. Blau I

A primeira carta de Josefina Soliman para Francisco I, imperador
da Áustria

Os Maoris
As viagens de dr. Blau II
O avião dos libertinos
A característica de um peregrino
A segunda carta de Josefina Soliman para Francisco I, imperador
da Áustria
Sarira
A árvore Bodhi
Minha casa é meu hotel
Psicologia de viagem: *Lectio brevis II*
Compatriotas
Psicologia de viagem: Conclusão
A língua é o músculo mais forte do corpo humano
Falar! Falar!
A rã e o pássaro
Linhas, superfícies e torrões
O tendão de Aquiles
A história de Philip Verheyen, escrita por seu aluno e
confidente, Willem van Horssen
Cartas à perna amputada
Contos de viagem
Trezentos quilômetros
30 000 florins
A coleção do tsar
Irkutsk-Moscou
Matéria escura
A mobilidade é uma realidade

Correntes

O que dizia a andarilha empacotada

A terceira carta de Josefina Soliman para Francisco I, Imperador
da Áustria

As coisas que não foram criadas por mãos humanas

A pureza do sangue

Kunstkamera

La mano di Constantino

Mapear o vazio

Outro Cook

Baleias. Afogar-se no ar

A zona de Deus

Não tenha medo

Dia de Finados

Ruth

A recepção dos grandes e elegantes hotéis

Um ponto

Corte transversal como método cognitivo

O coração de Chopin

Espécimes dissecados

O Estado das Redes

Suásticas

Vendedores de nomes

Drama e action

Provas

Nove

Tentativas de estereometria de viagem

Even
Świebodzin
Kunicki: Terra
A simetria das ilhas
Saco de enjoio
Os mamilos do mundo
Pogo
Parede
Sonhar com um anfiteatro
O mapa da Grécia
Kairós
Estou
Sobre as origens das espécies
O itinerário final
O processo da preservação polimérica, passo a passo:
Embarque
Itinerarium
Agradecimentos
Fontes das citações
Autora
Créditos

EXISTO

Tenho poucos anos. Estou sentada no parapeito, à minha volta há brinquedos espalhados, torres de blocos derrubadas, bonecas de olhos esbugalhados. A casa está imersa na escuridão, o ar nos cômodos arrefece lentamente, se apaga. Não há ninguém; foram embora, desapareceram. Os seus passos ecoam e aos poucos as suas vozes, os chiados e as risadas distantes vão se esvaecendo. Atrás da janela, um quintal vazio. A escuridão se derrama suavemente do céu e pousa em tudo como se fosse um orvalho negro.

O mais incômodo é a inércia espessa e visível — um crepúsculo frio e a luz fraca das lâmpadas de vapor de sódio atolada na penumbra a apenas um metro de sua fonte.

Nada acontece, a marcha da penumbra cessa diante da porta da casa, todo o tumulto do escurecer silencia, forma uma capa espessa como leite quente esfriando. Os contornos dos edifícios contra o pano de fundo do céu se estendem infinitamente, aos poucos perdem os ângulos, as quinas e as extremidades agudas. A luz que se apaga absorve o ar — já não há com o que respirar. Agora a penumbra penetra em minha pele. Os sons se recolheram, retraíram os olhos de caracol; a orquestra do mundo partiu e sumiu no parque.

Esta noite é o confim do mundo, eu acabei por descobri-la por acaso, sem querer, enquanto brincava. Descobri porque me deixaram sozinha por um instante, sem ninguém me olhando. Está claro que acabei de cair numa cilada e não posso sair. Tenho poucos anos, estou sentada no parapeito, olho para o quintal arrefecido. As luzes na cozinha da escola já foram apagadas, todos foram embora. A penumbra permeou as lajes de concreto do quintal e elas desapareceram. Portas trancadas, alçapões arriados, venezianas fechadas. Queria sair, mas não tenho para onde ir. Agora a minha própria presença é a única coisa com contornos nítidos que estremecem, ondulam, e isso machuca.

Num instante descobro a verdade: nada mais pode ser feito.
Existo.

O MUNDO NA CABEÇA

Fiz a minha primeira viagem a pé, atravessando os campos. Demoraram a perceber a minha ausência, por isso consegui chegar relativamente longe. Atravessei todo o parque e depois fui andando pelas veredas no campo, no meio do milharal e dos prados úmidos e cheios de malmequeres-do-brejo, divididos em quadrados pelas valas de drenagem até chegar ao rio. Embora, claro, o rio fosse onipresente nesse vale, absorvendo a cobertura do solo e deslizando pelos campos.

Depois de subir no dique, avistei a faixa flutuante, um caminho que escorria para fora da moldura, para fora do mundo. E se alguém tivesse sorte, podia ver nela barcaças, grandes embarcações planas que deslizavam em ambos os sentidos ignorando as margens, as árvores, as pessoas sobre os diques, tratando-as certamente como pontos de orientação temporários que não mereciam atenção, testemunhas de seu movimento gracioso. Sonhava que quando chegasse à idade adulta, trabalharia numa barcaça assim, ou, melhor ainda, me tornaria uma delas.

O rio não era nada grande, era apenas o Oder; no entanto, eu também era pequena na época. Ele tinha a sua posição relativamente secundária, embora notável, na hierarquia dos rios, o que mais tarde verifiquei nos mapas. Era um visconde provinciano na corte do rei Amazonas. Mas era mais que o suficiente para mim. Parecia enorme. Fluía como queria, essencialmente desimpedido, sujeito às cheias, imprevisível. Em alguns pontos próximos da margem, enganchava-se em alguns obstáculos submersos e surgiam redemoinhos. Seguia correndo, desfilando, ocupado apenas com as suas metas ocultas além do horizonte, em algum lugar distante ao norte. Era impossível encravar os olhos na água, que puxava seu olhar para além do horizonte até que você perdesse o equilíbrio.

O rio não prestava atenção em mim, ocupado consigo

mesmo, uma água mutável e errante, na qual jamais se podia entrar duas vezes, como aprendi depois.

Todos os anos, ele cobrava um preço alto por carregar o peso das barcaças — sempre havia alguém que se afogava nele, fosse uma criança que se banhava nos dias quentes de verão, ou um bêbado, que por azar cambaleava numa ponte e caía na água, apesar das grades. As buscas pelos afogados sempre eram demoradas e barulhentas, mantendo toda a redondeza sob tensão. Vinham mergulhadores e lanchas militares. De acordo com os relatos dos adultos que interceptávamos, os corpos encontrados estavam inchados e pálidos — a água havia desmanchado qualquer vestígio de vida, desfigurado tanto as feições que os próprios familiares tinham dificuldade em reconhecer os cadáveres.

Enquanto estava parada sobre o dique olhando para a correnteza, me dei conta de que, apesar dos perigos envolvidos, uma coisa em movimento sempre será melhor do que uma coisa em repouso; que a mudança sempre será mais nobre do que a estabilidade; que o imóvel precisa se decompor, degenerar e virar pó. E aquilo que se movimenta pode durar por toda a eternidade. Desde então o rio se tornou uma agulha enfiada na paisagem antes segura e estável, da qual fazia parte o parque, os canteiros onde os legumes cresciam em fileiras tímidas e a calçada feita de lajes de concreto onde pulávamos amarelinha. Essa agulha percorria todo o caminho, indicando uma terceira dimensão vertical; de tão perfurada, a paisagem do meu mundo de criança acabou se revelando apenas um brinquedo de borracha do qual escapava todo o ar.

Meus pais não eram de uma tribo completamente sedentária. Mudavam-se inúmeras vezes de um lugar para outro, até que finalmente decidiram se estabelecer e passar mais tempo numa escola provinciana, longe de uma boa estrada e de uma estação ferroviária. O ato de sair e atravessar a divisa entre os campos já parecia uma viagem, assim como uma excursão para a cidadezinha mais próxima para fazer compras, entregar documentos na sede das autoridades municipais. O cabeleireiro

da praça junto à prefeitura estava sempre lá usando o mesmo avental, lavado e alvejado em vão, porque a tinta de cabelo das freguesas deixava ali manchas como caligrafias chinesas. Minha mãe tingia o cabelo e o meu pai esperava por ela no Café Novo, numa das duas mesas postas do lado de fora. Lia o jornal da região, onde a coluna policial era sempre a mais interessante — potes de doce de ameixa e pepinos em conserva roubados de porões.

E aquelas viagens de turismo acanhadas na época das férias num Škoda abarrotado até o teto, preparadas demoradamente, planejadas durante as noites no começo da primavera quando a neve mal acabava de derreter e a terra ainda não havia despertado. Era preciso esperar que ela finalmente devolvesse o seu corpo aos arados e às enxadas e permitisse se fecundar. E, daquele momento em diante, isso preencheria todo o tempo deles, da manhã até a noite.

Eles pertenciam a uma geração que viajava com os seus motor homes, puxando atrás de si uma vida doméstica. Um fogão para acampar, mesas e cadeiras dobráveis. Uma corda de plástico para estender a roupa durante as paradas, prendedores de roupa. Toalhas de mesa impermeáveis. Um conjunto de piquenique para viagem — pratos de plástico coloridos, talheres, saleiros e taças.

Em algum lugar no caminho, num mercado das pulgas que eles gostavam particularmente de visitar (quando não tiravam fotos diante das igrejas e dos monumentos), meu pai comprou um bule militar — um utensílio de cobre, um recipiente com um tubo interno no qual se enfiava um punhado de gravetos para acender. E mesmo que nos campings fosse possível usar eletricidade, ele fervia a água nesse bule, fazendo fumaça e bagunça. Ajoelhava-se diante do recipiente quente e com orgulho ouvia o gorgolejo da água escaldante. Em seguida, como um verdadeiro nômade, derramava-a sobre os saquinhos de chá.

conserva — um goulash ou almôndegas ao molho de tomate. Era apenas preciso cozinhar o macarrão ou o arroz. O eterno costume de economizar dinheiro, o *złoty* está fraco, é o centavo do mundo. Procurar lugares onde haveria acesso à eletricidade, e depois fazer as malas com relutância para continuar a viagem. Contudo, sempre na órbita metafísica da casa. Não eram viajantes de verdade: partiam só para poder voltar. E retornavam com alívio, com um sentimento de um dever bem cumprido. Voltavam para juntar as cartas e contas empilhadas em cima da cômoda. Lavar a enorme pilha de roupa suja. Entediar os amigos até a morte, mostrando fotos enquanto todos tentavam esconder seus bocejos. Nós em Carcassonne. E aqui a minha esposa diante do Acrópole.

Depois, durante o resto do ano, levavam uma vida sedentária, essa vida estranha que não é nada mais que voltar de manhã àquilo que haviam deixado à noite, a roupa impregnada do cheiro do próprio apartamento, e os pés, incansáveis, traçando uma trilha no tapete.

Essa vida não é para mim. Claramente eu não herdei esse gene que faz a pessoa criar raízes ao permanecer em algum lugar por mais tempo. Tentei várias vezes, mas as minhas raízes sempre foram superficiais e o mínimo sopro do vento me derrubava. Não sei germinar, fui privada dessa capacidade vegetal. Não consigo extrair a seiva do solo, sou um Anteu às avessas. Minha energia vem do movimento — do chacoalhar dos ônibus, do barulho dos aviões, do balançar das balsas e dos trens.

Sou prática, bem-disposta e não sou grande. Tenho um estômago pequeno, pouco exigente, pulmões potentes, uma barriga enxuta e os músculos dos braços fortes. Não tomo nenhum tipo de medicamento, não uso óculos, tampouco tomo hormônios. Corto meu cabelo à máquina, uma vez a cada três meses, quase não uso maquiagem. Tenho uma dentição saudável, talvez um pouco torta, mas inteira, e apenas uma obturação antiga, parece que no sexto dente de baixo, do lado esquerdo. O meu fígado está bem. O pâncreas — também. O rim direito e o esquerdo — excepcionalmente bem. Minha aorta

abdominal apresenta um quadro clínico regular. A bexiga está funcionando corretamente. Hemoglobina — 12,7. Leucócitos — 4,5. Hematócritos — 41,6. Trombócitos — 228. Colesterol — 204. Creatinina — 1,0. Bilirrubina — 4,2, e assim por diante. Meu QI — se acreditar nessas coisas — 121; é suficiente. Tenho uma imaginação espacial, quase eidética, mas uma lateralidade muito fraca, o perfil de personalidade instável, ou não totalmente confiável. Idade — psicológica. Sexo — gramatical. Compro livros em brochura, assim posso deixá-los sem pena nas plataformas de trens para que possam ser lidos por outros olhos. Não coleciono nada.

Terminei a faculdade, mas, essencialmente, não aprendi nenhuma profissão, do que me arrependo muito; meu bisavô foi tecelão, alvejava telas tecidas estendendo-as nas encostas, expondo-as aos raios ardentes do sol. Me agradaria muito entrelaçar o urdume e a trama. Contudo, não existem teares portáteis, a tecelagem é a arte dos povos sedentários. Tricoto durante as viagens. Infelizmente, algumas companhias aéreas proibiram o uso de agulhas de tricô ou de crochê a bordo. Como já falei, não aprendi nenhuma profissão, no entanto, ao contrário daquilo que os meus pais sempre falaram, consegui sobreviver, sem cair por terra, exercendo diversos tipos de trabalhos.

Quando meus pais voltaram para a cidade depois de uma experiência romântica que durou vinte anos, quando ficaram cansados das secas e do frio, da alimentação saudável que definhava no porão durante os invernos, e da lã das suas próprias ovelhas enfiada nas bocas largas dos travesseiros e das cobertas, eles me deram um pouco de dinheiro, e pela primeira vez caí na estrada.

Fazia bicos nos lugares aonde chegava. Numa manufatura internacional localizada nos arredores de uma enorme metrópole, montava antenas de iates exclusivos. Havia muita gente como eu. Éramos contratados ilegalmente, sem perguntar de onde vínhamos e quais eram os nossos planos para o futuro. Recebíamos o pagamento às sextas-feiras e quem não estivesse satisfeito não comparecia mais na segunda. Havia lá estudantes

que aproveitavam o período de intervalo entre o exame de conclusão do ensino médio e os exames de ingresso na faculdade. Imigrantes que viviam à procura de um país ideal e justo em algum lugar no Ocidente, onde todos eram irmãos e irmãs, e onde o Estado poderoso desempenhava o papel de um genitor protetional; fugitivos evadindo-se das famílias — esposas, maridos, pais; os infelizes no amor, os confusos, os melancólicos e os eternamente resfriados. Perseguidos pela lei por não conseguirem pagar as dívidas contraídas. Andarilhos, vagabundos. Loucos que acabariam no hospital na próxima reincidência da doença e de lá seriam deportados para o país de origem, em virtude de leis pouco claras.

Apenas um certo hindu trabalhava lá permanentemente havia anos, mas, para dizer a verdade, a sua situação não era muito diferente da nossa. Não tinha nem seguro nem direito a qualquer tipo de férias. Trabalhava em silêncio, com paciência, sistematicamente. Nunca se atrasava, nunca procurava motivos para pedir um atestado. Convenci algumas pessoas a formar um sindicato — foi na época da Solidariedade — mesmo que fosse apenas para ele, mas ele não quis. Comovido com a minha preocupação, todos os dias me oferecia um curry apimentado que trazia numa marmita. Hoje nem sequer me lembro do seu nome.

Fui garçõete, camareira num hotel de luxo e babá. Vendi livros, vendi bilhetes. Num certo teatro pequeno trabalhei como assistente de figurino e dessa forma sobrevivi um longo inverno por entre os bastidores de pelúcia, figurinos pesados, capas de veludo e perucas. Depois de me formar na faculdade, trabalhei também como pedagoga, consultora de reabilitação e, mais recentemente, numa biblioteca. E assim que conseguia ganhar algum dinheiro, caía na estrada de novo.

A SUA CABEÇA NO MUNDO

Estudei psicologia numa grande e sombria metrópole comunista. Minha faculdade ficava num prédio que funcionou como a sede de uma unidade da SS durante a guerra. Essa parte da cidade foi construída sobre as ruínas do gueto. Ao olhar atentamente, era fácil perceber isso — todo o bairro ficava um metro acima do resto da cidade. Um metro de escombros. Nunca me senti bem lá; ventava sempre entre os novos prédios e as míseras praças, e o ar gelado parecia especialmente penoso, fazia o rosto arder. E essencialmente, mesmo com os edifícios, continuava a ser um lugar que pertencia aos mortos. O prédio do instituto ressurgiu nos meus sonhos até hoje — os seus corredores largos esculpados em pedra, lustrados com pés anônimos, as beiradas dos degraus desgastadas, os corrimões polidos com as mãos, rastros gravados no espaço. Talvez por isso fôssemos assombrados por espíritos.

Quando soltávamos as ratazanas no labirinto, sempre havia uma cujo comportamento contrariava a teoria, zombando das nossas hipóteses inteligentes. Ficava sobre as duas patas, completamente desinteressada da recompensa no fim da rota experimental; desdenhava dos privilégios do reflexo de Pavlov, nos lançava um olhar e depois dava meia-volta ou se entregava sem pressa ao teste de labirinto. Procurava algo nos corredores laterais, tentava chamar a atenção para si própria. Guinchava desorientada e, nessas horas, contrariando as regras, as meninas a retiravam do labirinto e a seguravam no colo.

Os músculos de uma rã morta, estirada, se dobravam e se estendiam sob o comando de impulsos elétricos, mas de uma forma ainda não descrita em nossos manuais — nos enviavam sinais, seus membros executavam gestos óbvios de ameaça e deboche, o que contrariava a fé consagrada na inocência mecânica dos reflexos fisiológicos.

Lá nos ensinaram que o mundo pode ser descrito, ou mesmo

explicado, por meio de respostas simples a perguntas inteligentes. Que em sua essência ele é inerte e morto, regido por leis relativamente simples que devem ser explicadas e explícitas — de preferência através de um diagrama. Exigiam que fizéssemos experiências. Que formulássemos hipóteses. E verificássemos. Nos iniciavam nos mistérios da estatística, acreditando que através dela era possível descrever, de uma maneira perfeita, todas as regularidades do mundo — e que noventa por cento é mais significativo que cinco.

Mas se há uma coisa que eu sei agora é que aquele que procura a ordem deve evitar a psicologia. É melhor que opte pela fisiologia ou a teologia, pelo menos terá assim uma base sólida — podendo se apoiar ou na matéria ou no espírito; não escorregará na psique. A psique é um objeto de estudo muito incerto.

Tinham razão aqueles que diziam que não se escolhia a psicologia por causa da profissão futura, da curiosidade ou da vocação para ajudar os outros, mas por outro motivo muito simples. Suspeito que todos nós tínhamos um defeito profundamente escondido, embora parecêssemos jovens inteligentes e saudáveis. O defeito estava oculto, camuflado habilmente nos exames de ingresso. Um novelo de emoções emaranhadas se desfazendo como aqueles estranhos tumores que de vez em quando são encontrados no corpo humano e que podem ser vistos em qualquer museu de anatomia patológica que se preze. Ou será que os nossos examinadores eram pessoas do mesmo tipo e na realidade sabiam o que faziam? Seríamos então os seus herdeiros. No segundo ano, quando falávamos sobre o funcionamento dos mecanismos de defesa e descobríamos, admirados, o poder dessa parte da nossa psique, começávamos a entender que se não existissem os mecanismos da racionalização, sublimação e repressão — todos aqueles truques aos quais recorreremos —, e fosse possível olhar para o mundo sem nenhum tipo de proteção, sincera e corajosamente, os nossos corações explodiriam.

Aprendemos naquela faculdade que somos compostos de defesas, escudos e armaduras, que somos cidades cuja

arquitetura se resume a muralhas, paredes e fortificações: países de bunkers.

Conduzíamos todos os exames, as anamneses e pesquisas entre nós mesmos, mutuamente. Assim, depois do terceiro ano da faculdade, eu já sabia dar um nome para o que havia de errado comigo; foi como descobrir o meu próprio nome secreto, o nome com o qual se invoca a iniciação.

Não exerci a profissão para a qual me preparei por tanto tempo. Em uma das minhas viagens, quando fiquei presa sem dinheiro numa grande cidade e trabalhei como camareira, comecei a escrever um livro. Era uma história para ser lida em viagem, num trem — um livro que parecia ter sido escrito para mim mesma. Um livro-canapé para ser engolido de uma vez, sem mastigar.

Eu conseguia focar e me concentrar, e por algum tempo me tornei um orelhão monstruoso que escutava ruídos, ecos e sussurros; vozes distantes vindas de trás de alguma parede. No entanto, nunca virei uma verdadeira escritora — ou, melhor dizendo, escritor, pois é nesse gênero que essa palavra soa melhor. A vida sempre me escapava. Topava apenas com os seus rastros, a pele que se desprendia. Quando conseguia determinar a sua localização, ela já estava em outro lugar. Achava apenas sinais, como aquelas inscrições sobre a casca das árvores nos parques: “Estive aqui”. Em minha escrita, a vida se transformava em histórias incompletas, contos oníricos, temas pouco claros, aparecia à distância em maravilhosas perspectivas deslocadas ou em cortes transversais — e era difícil tirar quaisquer conclusões referentes ao todo.

Quem já tentou escrever um romance sabe quão árdua é a tarefa, definitivamente um dos piores tipos de ocupações autônomas. É preciso permanecer trancado dentro de si o tempo todo, numa cela individual, em total solidão. É uma psicose controlada, paranoia e obsessão algemadas para funcionarem, privadas de penas, anquinhas ou máscaras venezianas, pelas quais as conhecemos. Em vez disso, andam vestidas de avental

de açougueiro e galochas, com uma faca para evisceração na mão. Desse porão do escritor se enxerga apenas as pernas dos que passam, e se ouve o barulho dos saltos batendo contra o chão. De vez em quando alguém para, se inclina e dá uma olhada para o interior. Nessas horas é possível ver um rosto humano e até trocar algumas palavras. No entanto, na verdade, a mente está ocupada com o jogo que ela mesma executa diante de si num panóptico esboçado às pressas com riscos a lápis, distribuindo as figuras num palco provisório — autor e protagonista, narradora e leitora, aquele que descreve e a personagem descrita; pés, sapatos, saltos e rostos, cedo ou tarde, meros componentes desse jogo.

Não me arrependo de ter me dedicado a essa atividade particular: eu não seria uma boa psicóloga. Nunca soube como explicar, revelar fotografias de família da câmara escura das mentes. Lamento admitir, mas as confissões dos outros muitas vezes me deixavam entediada. Para ser honesta, com frequência preferiria inverter as relações e começar a falar sobre mim mesma. Precisava me vigiar para não segurar de repente uma paciente pela manga e interrompê-la no meio da frase: “O que a senhora está dizendo! Eu sinto isso de um modo completamente diferente! Aliás, deixe eu contar o sonho que tive!”. Ou: “O que o senhor sabe sobre a insônia? Realmente é isso o que chama de um ataque de pânico? Deve estar brincando. O ataque que eu tive não faz muito tempo, por outro lado...”.

Não sabia ouvir. Não respeitava os limites, caía em transferências. Não acreditava nas estatísticas ou em verificação de teorias. O postulado de uma personalidade para uma pessoa sempre me parecia demasiado minimalista. Tinha a tendência a borrar o óbvio, pôr em dúvida os argumentos irrefutáveis — era um vício, uma ioga perversa do cérebro, um prazer sutil de experimentar um movimento interno. Suspeitar de cada julgamento, sentir o seu gosto debaixo da língua e descobrir, por fim, que nenhum deles estava certo, eram todos falsos, imitações. Não queria ter opiniões fixas, seriam uma bagagem desnecessária. Nas discussões, nunca me posicionava só de um

dos lados, e sei que os meus interlocutores não gostavam de mim por causa disso. Estava consciente de um fenômeno estranho que se desdobrava em minha cabeça: quanto mais argumentos “a favor” eu achava, tanto mais argumentos “contra” me vinham à mente. E quanto mais eu me prendia aos primeiros, tanto mais atraentes me pareciam os segundos.

Como poderia examinar os outros se eu própria tinha dificuldades em fazer qualquer teste? Diagnósticos de personalidade, pesquisas, várias colunas de perguntas e respostas de múltipla escolha me pareciam difíceis demais. Notei rapidamente essa minha deficiência, e por isso, quando examinávamos uns aos outros durante o estágio na faculdade, eu dava respostas aleatórias, ao acaso. Resultavam disso perfis estranhos — curvas em eixos de coordenadas. “Você acredita que a melhor decisão é aquela que pode ser mudada com a maior facilidade?” Será que eu acredito? Que decisão? Mudar? Quando? Com que facilidade? “Ao entrar num cômodo você toma a posição central ou periférica?” Em que cômodo? E quando? O cômodo está vazio ou junto da parede há sofás vermelhos de pelúcia? E as janelas — para onde dão? A pergunta sobre um livro: se eu prefiro ler em vez de ir a uma festa, ou se isso depende do tipo de livro e da festa em questão?

Que metodologia é essa! Parte-se, tacitamente, da premissa de que as pessoas não conhecem a si mesmas, mas se você as munir de perguntas espertas o suficiente, elas serão capazes de se descobrir. Elas se farão uma pergunta e darão a si mesmas uma resposta. Então, sem querer, revelarão a si mesmas o segredo de cuja existência não sabiam até ali.

E há aquela outra premissa, mortalmente perigosa — que somos constantes, e nossas reações são previsíveis.

A SÍNDROME

As crônicas das minhas viagens poderiam ser, na verdade, as crônicas de uma doença. Sofro de uma síndrome que pode ser facilmente encontrada em qualquer atlas de síndromes clínicas e que, de acordo com as fontes especializadas, está se tornando cada vez mais comum. O melhor seria darmos uma olhada na antiga edição (publicada nos anos 1970) de *As síndromes clínicas*, uma espécie de enciclopédia de síndromes. Para mim, ela também é uma fonte inesgotável de inspirações. Alguém mais teria coragem de descrever o homem em toda a sua integralidade, total e objetivamente? Usando com convicção o conceito de personalidade e atentando contra a tipologia inequívoca? Acho que não. O conceito da síndrome combina perfeitamente com a psicologia de viagem. A síndrome é pequena, portátil, episódica, e não tem o peso da teoria. É possível explicar algo por meio dela e depois jogá-la no lixo. É uma ferramenta cognitiva de uso único.

A minha se chama Síndrome de Detoxificação Perseverativa. Se traduzir isso literalmente, grosso modo, ela se resumiria apenas à seguinte definição: em sua essência, a consciência volta insistentemente a certas imagens, ou até as procura de modo compulsivo. É uma das variantes da Síndrome do Mundo Cruel (The Mean World Syndrome), bastante bem descrita na literatura neuropsicológica como um tipo particular de infecção propagada pela mídia. É, essencialmente, uma moléstia muito burguesa. O paciente passa longas horas diante da televisão percorrendo todos os canais com o controle remoto até encontrar aqueles com as notícias mais terríveis: guerras, epidemias e catástrofes. Fascinado com aquilo que vê, já não consegue desgrudar os olhos.

Os próprios sintomas não são perigosos e permitem viver tranquilamente caso se consiga manter distanciamento. Essa triste síndrome não costuma ser tratada, e a ciência se limita

apenas a constatar amargamente a sua existência. Quando um paciente assustado o suficiente com seu próprio comportamento recorrer, enfim, à consulta de um psiquiatra, ele o aconselhará a cuidar mais da qualidade de vida — largar o café e o álcool, dormir num quarto bem arejado, trabalhar no jardim, tecer ou tricotar.

Meus sintomas se manifestam da seguinte forma: eu me sinto atraída por aquilo que poderia ser considerado quebrado, imperfeito, deficiente, roto. Interesse-me pelas formas indistintas, pelos erros na obra de criação, por becos sem saída. Por aquilo que devia ter se desenvolvido, mas por algum motivo permaneceu imaturo; ou pelo contrário — o que excedeu o planejamento inicial. Tudo o que não entra na norma, o que é pequeno ou grande demais, exuberante ou incompleto, monstruoso ou repugnante. Formas que não mantêm simetria, que se multiplicam, crescem para os lados, brotam, ou pelo contrário, reduzem a multiplicidade à unidade. Não me interessam acontecimentos repetitivos, sobre os quais a estatística se debruça com tanta atenção, celebrados por todos com um sorriso contente e familiar no rosto. Minha sensibilidade é teratológica, movida pelo gosto do monstruoso. Tenho uma convicção incessante e perturbadora de que dessa forma o ser verdadeiro sai para a superfície e revela a sua natureza. Uma revelação repentina e casual. Um vergonhoso “ai”, a ponta da roupa íntima aparecendo debaixo de uma saia cuidadosamente plissada. Um esqueleto metálico e asqueroso que aparece de repente debaixo do estofado de veludo; a erupção da mola de dentro de uma poltrona acolchoada que desmascara descaradamente a ilusão de qualquer maciez.

O GABINETE DE CURIOSIDADES

Nunca fui uma grande fã de museus de arte e, se dependesse de mim, eu os substituiria com prazer pelos gabinetes de curiosidades onde se coleciona e expõe objetos raros, únicos, bizarros e disformes. Aquilo que existe na sombra da consciência e que, quando você espia, foge do seu campo de visão. Sim, com certeza sou portadora dessa síndrome infeliz. Não me atraem as coleções nos centros das cidades, mas me cativam as pequenas, localizadas junto dos hospitais, muitas vezes transferidas para os porões, tidas como indignas de exposições de valor, indícios do gosto duvidoso dos antigos colecionadores. Uma salamandra com duas caudas num vidro oval, com o focinho apontando para cima, à espera do Dia do Juízo Final, quando todos os seres preservados para a posterioridade enfim ressuscitarão. O rim de um golfinho em formol. A cabeça de uma ovelha, pura anomalia, com um duplo par de olhos, orelhas e focinhos, bela como a imagem de uma antiga deidade de natureza multifacetada. Um feto humano adornado com miçangas subscrito com uma letra caligrafada cuidadosamente: “*Fetus aethiopsis 5 mensium*”. Aberrações da natureza de duas cabeças ou mesmo desprovidas delas, que nunca nasceram e flutuam sonolentas na solução de formol. Ou o caso de *Cephalothoracopagus monosymetro*, até hoje exposto em certo museu na Pensilvânia, onde a morfologia patológica do feto de uma única cabeça e dois corpos põe em xeque os fundamentos da lógica $1 = 2$. E, por fim, uma comovente amostra caseira e culinária: maçãs do verão de 1848 adormecidas em álcool, todas esquisitas, deformadas; alguém, aparentemente, chegou à conclusão de que todas essas aberrações da natureza merecem ser imortalizadas, e que sobreviverá apenas o que for diferente.

E eu, em minhas viagens, avanço pacientemente ao encontro desse tipo de coisa, rastreando os erros e as mancadas da criação.

Aprendi a escrever em trens, hotéis e salas de espera. Sobre

mesas retráteis em aviões. Faço anotações durante o almoço debaixo da mesa ou no banheiro. Escrevo sentada sobre as escadarias nos museus, em cafés, num carro estacionado no acostamento. Faço anotações em pedaços de papel, em blocos de notas, em cartões-postais, na pele da mão, em guardanapos, nas margens dos livros. Na maioria das vezes são frases curtas, imagens, mas às vezes transcrevo trechos retirados dos jornais. Às vezes me sinto seduzida por alguma figura pescada na multidão e então desvio do meu itinerário para segui-la por um instante, e começar a contar uma história. É um bom método; estou aperfeiçoando-o. Com o passar dos anos, como acontece com todas as mulheres, o tempo virou meu aliado: eu me tornei invisível, transparente. Posso me deslocar feito um fantasma, olhar por cima dos ombros das pessoas, escutar as suas brigas e observá-las dormindo com a cabeça apoiada sobre a mochila, falando sozinhas, inconscientes da minha presença, movendo apenas os lábios, articulando palavras que eu pronunciei por elas.

VER É SABER

O propósito de minha peregrinação é sempre um outro peregrino. Desta vez um peregrino aleijado, aos pedaços.

Aqui, por exemplo, está uma coleção de ossos — mas apenas aqueles com algum defeito; colunas vertebrais retorcidas, pedaços de costelas que devem ter sido retirados de corpos igualmente retorcidos, dissecados, ressecados e até mesmo envernizados. Um pequeno algarismo ajudará a achar a descrição da doença em registros que deixaram de existir há muito tempo. Qual seria, então, a durabilidade do papel em comparação com a dos ossos? Deveriam ter feito as inscrições sobre os próprios ossos.

Eis um fêmur que algum curioso serrou na longitudinal para espiar o que havia dentro. Deve ter ficado desiludido com o que viu, pois amarrou ambas as partes com uma corda de cânhamo e, já pensando em outra coisa, guardou de volta no mostruário.

No mostruário há algumas dezenas de pessoas sem relação umas com as outras, separadas pelo tempo e pelo espaço. No entanto, agora estão num belíssimo túmulo, espaçoso e seco, bem iluminado, condenadas à eternidade museológica. Os ossos que travam uma eterna luta livre com a terra devem sentir inveja. E será que alguns deles — os ossos dos católicos — não se preocupam em não conseguir se encontrar no Juízo Final e não serem capazes de recompor esses corpos que pecavam e praticavam boas ações?

Caveiras com saliências de todas as estruturas imagináveis, perfuradas por balas, esburacadas, atrofiadas. Ossos das mãos degenerados por reumatismo. Um braço com fraturas múltiplas que se regenerou natural e aleatoriamente, uma dor persistente petrificada.

Ossos longos demasiado curtos e ossos curtos demasiado longos, tísicos, estampados por alterações. Você pode pensar que foram comidos pelas brocas. Pobres caveiras humanas

dispostas em vitrines vitorianas iluminadas onde mostram as dentaduras em sorrisos largos. Esta, por exemplo, tem um enorme buraco no meio da testa, mas possui dentes lindos. O buraco teria sido mortal? Não necessariamente. Houve um homem, um engenheiro que construía ferrovias, que teve o cérebro perfurado por uma vara de metal e viveu com uma ferida assim por muitos anos. Dessa forma prestou, é evidente, um belo serviço à neuropsicologia, que anunciava que a nossa existência está contida no cérebro. Não morreu, mas mudou completamente. Segundo diziam, virou outra pessoa. E já que o cérebro determina aquilo que somos, então passemos logo à esquerda, para o corredor dos cérebros. Aqui estão eles! Anêmonas-do-mar cor de creme mergulhadas em soluções! Grandes e pequenas, algumas geniais e outras que não conseguiam contar até dois.

Mais adiante há uma área destinada aos fetos, seres humanos em miniatura: bonequinhos, corpinhos conservados em formol; tudo miniaturizado. Assim, um homem inteiro cabe dentro de um pequeno pote de vidro. Os menores — embriões quase invisíveis — são como alevinos, girinos, suspensos em uma crina de cavalo no abismo da solução de formol. Os maiores nos revelam a ordem do corpo humano, o seu maravilhoso embrulho. Pinguinho de gente, bebezinhos semi-hominídeos, a sua vida nunca passou do limite mágico da potencialidade. Possuem forma, no entanto, ainda não cresceram o suficiente para ganhar um espírito, talvez a presença dele dependa do tamanho da forma. Neles, com uma persistência sonolenta, a matéria começou a se organizar para a vida — se revestir de tecidos, formar sistemas de órgãos, consolidar redes; já começou a estruturar o olho e a preparar o pulmão, mesmo mantendo-se distantes da luz e do ar.

Em outra fileira estão os mesmos órgãos, mas agora já maduros, felizes que as circunstâncias lhes permitiram atingir o seu devido tamanho. Seu devido tamanho? Como eles sabiam o quão grandes deveriam ficar, e quando parar de crescer? Alguns não sabiam: esses intestinos continuavam a crescer, e os nossos

professores tiveram dificuldade em achar um vidro em que coubessem. Tanto mais difícil é a tarefa de imaginar como cabiam dentro da barriga do homem que figura na etiqueta em forma de iniciais.

O coração. Todo o seu mistério foi desvendado para sempre — é uma massa amorfa do tamanho de um punho e sua cor é um marrom-claro encardido. Pois essa é a cor do nosso corpo — cor de creme parda, marrom pardo —, é feia, precisa ser gravada na memória. Não iríamos querer que essa fosse a cor das paredes da nossa casa ou a cor do nosso carro. É a cor das entranhas, da escuridão, dos lugares aonde o sol não chega, onde a matéria se esconde na umidade do olhar alheio, pois assim não precisa se exhibir. A única extravagância que pôde ser oferecida foi para o sangue: o sangue é um aviso, a vermelhidão, o indício de que a concha do nosso corpo se abriu. E que a malha dos tecidos se rompeu.

Na realidade, por dentro, somos desprovidos de cor. O coração todo esvaziado do sangue parece mesmo uma meleca.

SETE ANOS DE VIAGEM

“Todo ano nós fazemos uma viagem, fazemos isso há sete anos, desde que nos casamos”, contava um jovem no trem. Ele estava usando uma capa preta longa e elegante e carregava uma pasta rígida que lembrava um sofisticado estojo para faqueiro.

“Temos um monte de fotos”, explicava, “todas bem organizadas. O sul da França, a Tunísia, Turquia, Itália, Creta, Croácia, mesmo a Escandinávia.” Dizia que costumavam ver as fotos várias vezes: primeiro com a família, a seguir no trabalho, e, enfim, com os amigos. Depois, durante anos, as fotos permaneciam guardadas, seguras em envelopes de plástico, como provas no armário de um detetive confirmando o fato de que “estivemos” lá.

Ficou pensativo e olhou através da janela para as paisagens que fugiam para algum lugar como se já estivessem atrasadas. Por acaso, não teria pensado: mas o que exatamente quer dizer “estivemos”? O que aconteceu com aquelas duas semanas na França que hoje podem ser comprimidas a apenas algumas lembranças — um repentino ataque de fome ao pé da muralha de uma cidade medieval e o vislumbre de uma noite passada numa taverna com o telhado coberto de parreira. O que aconteceu com a Noruega? Dela sobrou apenas a sensação da água gelada no lago e o dia que não queria terminar, e ainda a alegria de uma cerveja comprada um instante antes de a loja fechar, ou o deslumbramento ao ver um fiorde pela primeira vez.

“Ninguém pode tirar de mim aquilo que eu vi”, o jovem resumiu, de repente animado, dando uma palmada na própria coxa.

ADIVINHAÇÃO À LUZ DE CIORAN

Outro homem, tímido e meigo, sempre que viajava a trabalho levava consigo o livro de Cioran, um daqueles com textos muito curtos. Nos hotéis, deixava-o sobre a mesa de cabeceira e logo depois de acordar abria ao acaso à procura do mote para o dia que começava. Achava que os exemplares da Bíblia de quarto de hotel na Europa deveriam ser trocados o quanto antes pela obra de Cioran. Desde a Romênia até a França. E que a Bíblia já perdera a sua atualidade para a adivinhação. Por exemplo, qual seria a utilidade do seguinte versículo quando, inadvertidamente, se revelasse numa sexta-feira em abril ou numa quarta em dezembro: “Todos os acessórios para o serviço geral da Habitação, todas as suas estacas e todas as estacas do átrio serão de bronze” (Êxodo 27,19). Qual poderia ser a interpretação disso? Aliás, ele próprio dizia que não precisaria ser necessariamente Cioran. Havia um tom desafiador em seu olhar quando ele continuou:

“Por que a senhora não propõe outra coisa?”

Não me ocorreu nada. Foi então que tirou da sua mochila um livro finíssimo e desgastado, abriu-o ao acaso e num instante o seu rosto resplandeceu.

“Em vez de prestar atenção nos rostos das pessoas que passavam, eu olhei para os seus pés, e todos aqueles tipos ocupados foram reduzidos a passos apressados — em direção a quê? E ficou claro para mim que a nossa missão era pastar na poeira em busca de um mistério despojado de qualquer coisa séria”, ele leu com satisfação.

KUNICKI: ÁGUA I

Ainda não é meio-dia, ele não sabe exatamente que horas são, não olhou para o relógio, mas parece que está à espera há menos de quinze minutos. Recosta-se confortavelmente no banco e fecha os olhos; o silêncio é penetrante como um som alto e implacável. Não consegue pensar direito. Ainda não sabe que o silêncio ressoa feito um alarme. Afasta o banco do volante e estende as pernas. A sua cabeça pesa, o corpo segue o seu fardo e desaba no ar branco e escaldante. Ele não vai se mover. Vai apenas esperar.

Deve ter fumado um cigarro, talvez até dois. Depois de alguns minutos, saiu do carro e mijou num barranco à beira da estrada. Parece que nenhum carro passou por ele, mas agora já não tem certeza disso. Depois voltou para dentro e bebeu água de uma garrafa de plástico. Por fim, começou a ficar inquieto. Buzinou com vontade e um som ensurdecido precipitou uma onda de raiva que o trouxe de volta à realidade. Desanimado, ele agora vê tudo com mais clareza: sai do carro de novo e vai atrás deles seguindo a trilha, repetindo na cabeça, distraidamente, as palavras que dirá em seguida: “Droga, por que vocês estão demorando tanto? O que estão fazendo?”.

É um campo de oliveiras, seco que nem pó. A grama crepita debaixo dos sapatos. Por entre as oliveiras retorcidas crescem amoreiras silvestres, os brotos tentam se meter na trilha e agarrar sua perna. Há lixo por todos os lados: lenços de papel, absorventes que despertam asco, excrementos humanos cheios de moscas. Outras pessoas também param na beira da estrada para fazer as necessidades. Não se dão ao trabalho de adentrar o mato, mesmo ali têm pressa.

Não há vento. Nem sol. O céu branco e imóvel lembra o teto de uma barraca. O ar está abafado. As partículas de água incham no ar e o cheiro do mar está por toda parte — de eletricidade, de ozônio, de peixe.

Ele percebe um movimento, não por entre as árvores, mas aqui, aos seus pés. Um enorme besouro negro atravessa a trilha; por um momento examina o ar com as antenas e para, visivelmente consciente da presença humana. O céu branco se reflete em sua carapaça perfeita como uma mancha leitosa e, por um instante, Kunicki tem a impressão de que um olho peculiar o fita a partir do solo, um olho que não pertence a nenhum corpo, desprendido, abnegado. Kunicki roça levemente a terra com a ponta da sandália. O besouro percorre a trilha, a grama seca farfalha sob o seu movimento. Ele desaparece por entre as amoreiras. É tudo.

Kunicki volta para o carro xingando e ainda mantém a esperança de que ela e o menino tenham regressado por um caminho mais longo. Sim, tem certeza disso. Vai lhes dizer: “Estou procurando vocês faz uma hora! O que estavam fazendo, diabos?”.

Ela disse: “Pare o carro”. E quando parou, ela desceu e abriu a porta de trás. Tirou o menino da cadeirinha, pegou a sua mão e foram andando juntos. Kunicki não tinha vontade de sair do carro, estava com sono, cansado, embora tivessem percorrido uma distância de poucos quilômetros. Apenas olhou para eles com o canto do olho, desatento, não sabia que devia olhar. Agora está tentando evocar essa imagem embaçada, torná-la mais nítida, aproximá-la e retê-la. Então ele os vê de costas andando pela trilha crepitante. Parece que ela está usando uma calça clara de linho e uma blusa preta, o menino, uma camiseta de malha com a imagem de um elefante — tem certeza disso porque foi ele quem o vestiu de manhã.

Enquanto andam, conversam, mas ele não pode ouvir o que dizem: não sabia que devia prestar atenção. Então eles desaparecem no meio das oliveiras. Não sabe quanto tempo se passou, mas provavelmente pouco. Quinze minutos, talvez um pouco mais, está perdido no tempo, não olhou para o relógio. Não sabia que devia verificar as horas. Detestava quando ela perguntava: “Em que você está pensando?”. Respondia que em

nada, mas ela não acreditava. Dizia que é impossível não pensar, ficava irritada. Mas, sim, agora Kunicki sente uma espécie de satisfação, consegue não pensar em nada. Sabe fazê-lo.

No entanto, mais tarde, ele para de repente no meio do matagal de amoreiras, fica imóvel, como se seu corpo, ao tentar alcançar os rizomas da amoreira, tivesse encontrado involuntariamente um novo ponto de equilíbrio. O zum-zum de moscas e o zunido na cabeça acompanham o silêncio. Por um instante ele se vê de cima: um homem trajando uma calça cargo banal, camiseta branca, uma pequena calvice no topo da cabeça, parado no meio de uma moita, um intruso, hóspede numa casa alheia. Um homem exposto a uma fuzilaria, liberado no meio de um cessar-fogo momentâneo durante uma batalha na qual estão envolvidos o céu ardente e a terra ressecada. Está em pânico; queria se esconder agora, fugir para o carro, mas o seu corpo o ignora, não consegue mexer o pé, se obrigar a fazer qualquer movimento, a dar um passo. Não sabia que isso era tão difícil, as conexões foram cortadas. O pé dentro da sandália virou uma âncora que o segura junto à terra, ficou preso. Conscientemente, com esforço, surpreso consigo mesmo, o obriga a fazer um movimento. Não há nenhuma outra forma de sair daquele espaço quente e ilimitado.

Eles chegaram no dia 14 de agosto. A balsa vinda de Split estava lotada — muitos turistas, mas a maioria moradores locais que levavam compras feitas no continente, onde os preços são mais acessíveis. As ilhas são pouco férteis. Foi possível distinguir os turistas com muita facilidade. Quando o sol começou a submergir no mar, eles passaram para estibordo e apontaram as máquinas fotográficas para ele. A balsa passava devagar por ilhas esparsas, e depois pareceu zarpar para o alto-mar — era um sentimento desagradável, um breve e irrisório momento de pânico.

Acharam sem dificuldade a pousada onde estavam ficando, chamada Posídon. O proprietário barbudo, Branko, vestindo

uma camiseta estampada com uma concha, pediu para tratá-lo pelo primeiro nome. Deu um tapinha amigável nas costas de Kunicki e os guiou ao andar superior de uma estreita casa de pedra à beira-mar e, orgulhoso, mostrou o apartamento. Tinham à sua disposição dois quartos e num canto uma pequena copa mobiliada tradicionalmente com armários laminados. As suas janelas davam para a praia e para o mar. Debaixo de uma delas tinha acabado de brotar uma agave. A flor presa a um caule firme erguia-se triunfalmente sobre a água.

Ele pega o mapa da ilha e pondera as possibilidades. Ela pode ter perdido a orientação e simplesmente saído para a estrada em outro ponto. Deve estar em outro lugar agora, talvez até pare algum carro, peça carona e siga viagem, mas para onde? De acordo com o mapa, a estrada traça uma linha tortuosa que atravessa toda a ilha, de modo que você pode percorrer o caminho inteiro sem nunca se aproximar do mar. Foi assim que visitaram Vis há poucos dias.

Ele coloca o mapa no banco dela, sobre a sua bolsa, e liga o motor. Segue devagar, tentando avistá-los no meio das oliveiras. Mas, depois de alguns quilômetros, a paisagem muda: o campo de oliveiras cede lugar a terrenos baldios pedregosos, cobertos de grama seca e amoreiras. As pedras brancas de calcário estão arreganhadas como se fossem enormes dentes perdidos por alguma criatura selvagem. Retorna depois de alguns quilômetros. À sua direita avista videiras de um verde deslumbrante e no meio delas, aqui e acolá, pequenos casebres de pedra para guardar as ferramentas, vazios e sombrios. No melhor dos casos, ela se perdeu, ou talvez tenha desmaiado, ela ou o menino, está muito abafado, um calor infernal. Talvez estejam precisando de ajuda urgente, e ele, em vez de fazer algo, anda à toa pela estrada. Que idiota, ele pensa — como não percebeu isso antes? O seu coração começa a bater com mais força. Talvez ela tenha tido uma insolação. Ou pode ter quebrado a perna.

Volta e buzina algumas vezes. Passam dois carros alemães. Verifica o horário. Já se passou mais ou menos uma hora e meia,

o que significa que a balsa já partiu: engoliu os carros, fechou as portas e zarpou para o alto-mar, um poderoso navio branco. A cada minuto que passa, extensões cada vez mais vastas daquele mar indiferente o separam da balsa. Kunicki tem um mal pressentimento que seca sua boca. É um pressentimento relacionado com esse lixo à margem da estrada, com as moscas e os excrementos humanos. Entendeu. Eles desapareceram. Sumiram. Sabe que não estão no meio das oliveiras, mas mesmo assim corre para lá pela trilha queimada e os chama sem acreditar que irão lhe responder.

É a hora da sesta, a cidadezinha já está quase vazia. Na praia, junto da estrada, três mulheres soltam uma pipa azul. Ele as vê nitidamente ao estacionar o carro. Uma delas tem calças cor de creme que apertam as suas grandes nádegas.

Ele encontra Branko sentado à mesa de um pequeno café acompanhado de dois outros homens. Estão tomando *pelinkovac* com gelo, como se fosse uísque. Branko sorri ao vê-lo, surpreso.

“Você se esqueceu de algo?”, ele pergunta.

Eles lhe oferecem uma cadeira, mas Kunicki não senta. Quer contar tudo em ordem cronológica, passa a falar em inglês, mas ao mesmo tempo, em uma outra parte da cabeça, fica imaginando, como se fosse um filme, o que se faz numa situação dessa. Diz que eles desapareceram, Jagoda e o menino. Diz onde e quando. Diz que os procurou e não achou. Então Branko pergunta:

“Vocês brigaram?”

Responde que não, o que é verdade. Os dois homens bebem o resto de *pelinkovac*. Ele também fica com vontade. Sente na boca aquele sabor agridoce. Branko recolhe da mesa, devagar, o maço de cigarros e o isqueiro. Os outros também se levantam relutantemente, como se estivessem se concentrando antes de uma luta, ou talvez preferissem ficar sentados ali, à sombra do toldo. Todos irão lá, mas Kunicki insiste que precisa chamar a polícia primeiro. Branko hesita. Fios de cabelos brancos despontam na sua barba. Em sua camiseta amarela, o desenho da

concha e o letreiro “Shell” começam a ficar vermelhos.

“Talvez ela tenha descido para a praia?”

Talvez sim. Eles chegam a um acordo: Branko e Kunicki voltarão ao mesmo local na estrada, e os dois outros irão à delegacia para telefonar para Vis. Branko explica que há apenas um policial em Komiža, e que só em Vis se encontra uma autêntica delegacia. Os copos com o gelo derretido ficam sobre a mesa.

Kunicki reconhece sem nenhuma dificuldade uma pequena baía junto à estrada onde havia parado anteriormente. Parece que aquilo aconteceu há séculos, agora o tempo flui de forma diferente, está denso e acre, composto de sequências. O sol aparece de trás de nuvens brancas, e de repente surge uma onda de calor.

“Buzine”, diz Branko, e Kunicki aperta a buzina.

O som é prolongado, lastimoso, como a voz de um animal. Então silencia e se desfaz em ecos minúsculos de cigarras.

Eles adentram o mato de oliveiras, berrando de vez em quando. Encontram-se apenas na altura do vinhedo e, depois de uma rápida conversa, decidem atravessá-lo. Vão avançando pelas fileiras sombrias, chamando a mulher desaparecida pelo nome: “Jagoda, Jagoda!”.^[1] Kunicki está consciente do significado desse nome, já havia se esquecido disso, e subitamente tem a impressão de participar de um antigo ritual, embaçado, grotesco. Debaixo dos arbustos pendem bagos roxos, escuros e inchados, perversos mamilos multiplicados, e ele está perdido no meio de labirintos de folhas, gritando: “Jagoda, Jagoda!”. A quem ele está se dirigindo? Por quem está procurando?

Precisa parar por um momento, sente pontadas no flanco; se dobra ao meio por entre fileiras de plantas. Mergulha a cabeça numa sombra refrescante, a voz de Branko silencia, abafada pela folhagem, e Kunicki ouve o zunido de moscas — o familiar urdume do silêncio.

Depois do vinhedo começa outro, separado apenas por uma trilha estreita. Eles param e Branko liga do seu celular. Repete

duas palavras “*žena*” e “*dijete*”, “esposa” e “filho” — Kunicki é capaz de entender apenas essas duas. O sol fica alaranjado, enorme, inchado, e desvanece rapidamente diante dos seus olhos. Em pouco tempo será possível olhar para ele de frente. Os vinhedos, por sua vez, estão adquirindo uma cor verde intensamente escura. Duas figuras humanas permanecem impotentes nesse mar verde listrado.

Ao cair da tarde, alguns carros e um pequeno grupo de homens já estão na estrada. Kunicki está sentado num carro identificado como “*Policija*” e com a ajuda de Branko responde a perguntas de um policial grande e suado que lhe parecem caóticas. Fala usando um inglês rudimentar. “*We stopped. She went out with the child. They went right, here.*” Aponta com a mão. “*I was waiting, let's say, fifteen minutes. Then I decided to go and look for them. I couldn't find them. I didn't know what have happen.*” Recebe uma água mineral morna e a toma em goles desesperados. “*They are lost.*” E depois acrescenta outra vez: “*Lost*”. O policial liga para alguém do seu celular. “*It is impossible to be lost here, my friend*”, diz para ele, esperando pela ligação. Kunicki fica impressionado com o “*my friend*”. Depois ressoa o walkie-talkie. Antes que avancem numa linha frontal irregular para o interior da ilha, se passará mais uma hora.

Durante esse tempo, o sol inchado vai se pôr sobre os vinhedos, e quando eles subirem para o alto da montanha, descobrirão que ele já está roçando a superfície do mar. Gostem ou não, viram testemunhas de uma demora operística de seu poente. Por fim, os homens ligam as suas lanternas. Na escuridão descem para a margem alta e escarpada da ilha onde há uma miríade de pequenas enseadas e verificam duas delas. Em cada uma há casas de pedra habitadas por turistas mais excêntricos que não gostam de hotéis e preferem pagar mais pela falta de acesso à água potável e à eletricidade. As pessoas cozinham em fogões de pedra ou levam consigo botijões de gás. Pescam peixes que vão diretamente do mar para a grelha. Não, ninguém viu uma mulher com uma criança. Daqui a pouco vão

jantar — sobre as mesas surgem pães, queijos, azeitonas e os coitados dos peixes que ainda à tarde se entregavam às suas frívolas atividades no mar. De tempos em tempos Branko liga para o hotel em Komiža — Kunicki lhe pede isso, pois tem a impressão de que ela pode estar perdida e que pode ter conseguido chegar lá por outro caminho. Mas depois de cada telefonema, Branko apenas lhe dá um tapinha nas costas.

Por volta de meia-noite o grupo de homens se dispersa. Entre os restantes há dois que Kunicki havia visto sentados à mesa em Komiža. Enquanto se despedem aproveitam para se apresentar: chamam-se Drago e Roman. Vão juntos para o carro. Kunicki agradece a ajuda, não sabe como demonstrar a gratidão, se esqueceu de como se fala “obrigado” em croata; deve ser algo parecido com “*djakuju*” ou “*djakuje*”. Na verdade, com um pouco de boa vontade poderiam inventar juntos alguma “*koiné*” eslava, um conjunto de palavras semelhantes, versáteis, usadas sem a gramática, em vez de mergulhar na versão dormente e simplificada do inglês.

No meio da noite um barco atraca a sua casa. Precisam ser evacuados por causa da enchente. A água já subiu até o primeiro andar dos edifícios. Na cozinha, já se infiltra nas juntas dos azulejos e se derrama pelas tomadas elétricas em fluxos mornos. Os livros incharam por causa da umidade. Abre um e vê que as letras se desmancham feito maquiagem, deixando as folhas vazias, borradas. Descobre que todos já haviam sido evacuados no transporte anterior, ficou apenas ele.

Em seu sono, ele ouve as gotas de água caindo vagarosamente do céu, prestes a ser tornar um aguaceiro violento e breve.

BENEDICTUS, QUI VENIT

Abril na rodovia, raios de um sol vermelho no asfalto, o mundo revestido de um glacê da chuva recente como se fosse um bolo de Páscoa. Vou dirigindo o carro numa Sexta-Feira Santa, no crepúsculo, em algum lugar entre a Bélgica e a Holanda, não sei exatamente onde pois a fronteira desapareceu; sem uso, se apagou por completo. A rádio toca um réquiem. No Benedictus, os postes ao longo da rodovia se acendem como se quisessem legitimar a bênção que recebo involuntariamente.

Mas, para dizer a verdade, isso deve significar apenas uma coisa: que entrei na Bélgica, onde, para a alegria dos viajantes, há o costume amável de iluminar todas as rodovias.

PANOPTICUM

Panopticum e *Wunderkammer*, de acordo com o que aprendi no guia do museu, constituem uma dupla respeitável que antecedeu a existência dos museus. Eram exposições de coleções das mais diversas curiosidades trazidas pelos seus proprietários das viagens próximas e distantes.

No entanto, não se pode esquecer que Bentham chamou de panóptico o seu genial sistema de vigilância prisional, que tinha como objetivo criar um espaço que permitisse a observação constante de cada um dos presos.

KUNICKI: ÁGUA II

“A ilha não é assim tão grande”, diz Djurdžica, a esposa de Branko, enquanto derrama um café forte e espesso na sua xícara pela manhã.

Todos repetem isso como se fosse um mantra. Kunicki entende o que eles estão tentando lhe dizer, ele próprio sabe que a ilha é pequena demais para alguém se perder nela. Tem pouco mais que dez quilômetros de comprimento e apenas duas cidadezinhas maiores, Vis e Komiža. É possível explorá-la detalhadamente, centímetro por centímetro, como uma gaveta. E em ambas as cidadezinhas as pessoas se conhecem bem. As noites são cálidas, as vinhas cobrem os campos, e os figos já estão quase maduros. Mesmo que tivessem se perdido, estariam bem — não teriam morrido de fome ou de frio, e dificilmente seriam devorados por animais silvestres. Teriam passado a noite sobre uma grama seca, aquecida pelo sol, debaixo de uma oliveira, ouvindo o murmúrio sonolento do mar. Uma distância de menos de três ou quatro quilômetros separa todos os pontos na ilha. Nos campos, há casinhas de pedra com prensas e barris para guardar vinho, algumas abastecidas com comida e velas. No café da manhã, comeriam um cacho de uvas maduras ou uma refeição normal com os turistas numa das enseadas.

Eles descem para a frente do hotel onde um outro policial, mais jovem, os espera. Por um instante, Kunicki tem esperança de que ele veio com boas novas, mas o oficial pede o seu passaporte. Anota os dados cuidadosamente e diz que irão procurá-los também no continente, em Split. E em outras ilhas vizinhas.

“Ela pode ter seguido pela costa”, explica.

“Não tinha dinheiro. *No money*. Está tudo aqui”, Kunicki mostra a bolsa e tira dela a carteira vermelha, bordada com miçangas. Ele a abre e mostra para o policial, que dá de ombros e anota o endereço deles na Polônia.

“Quantos anos tem a criança?”

Kunicki responde que tem três.

Dirigem pela estrada sinuosa que os leva de volta para o mesmo lugar. O dia promete ser quente e ensolarado, tudo parece superexposto como numa fotografia. Todas as imagens desaparecerão dela ao meio-dia. Kunicki pensa na possibilidade de fazer a busca de cima, de um helicóptero, pois a ilha é quase toda descampada. Pensa também nos chips implantados em animais, nos pássaros migratórios, nas cegonhas e nos grouns, que não estão disponíveis para as pessoas. Todos deveriam ter um chip assim, para a sua própria segurança. Depois, seria possível rastrear qualquer movimentação humana pela internet — os trajetos, as paradas para descanso, quando as pessoas começam a se perder. Quantas vidas poderiam ser salvas! Tem diante de seus olhos a imagem da tela de um computador — linhas coloridas demarcadas pelas pessoas, rastros contínuos, sinais. Círculos e elipses, labirintos. Talvez mesmo oitos deitados e inacabados, ou espirais interrompidas inesperadamente.

Há um cachorro, um pastor preto; eles lhe mostram o suéter dela que estava no banco de trás. O cachorro fareja ao redor do carro, e depois avança pela trilha que leva por entre as oliveiras. Subitamente, Kunicki sente um surto de energia, tudo está prestes a ser esclarecido. Correm atrás do cachorro. O pastor para no local onde os dois devem ter feito as necessidades, embora não haja nenhum vestígio deles. Parece satisfeito — mas peraí, cachorro, isso não é tudo. Onde estão as pessoas, aonde foram? O cachorro não entende o que querem dele, mas relutantemente prossegue, agora para o outro lado, na estrada, afastando-se dos vinhedos.

Então ela foi andando pela estrada principal, pensa Kunicki, deve ter se enganado. Pode ter saído num ponto mais adiante e esperado por ele umas centenas de metros dali. Não teria ouvido a buzina? E depois? Talvez alguém tenha lhes dado carona, mas já que ainda não tinham aparecido, para onde esse desconhecido os teria levado? Esse alguém. Uma figura indistinta, embaçada,

de ombros e nuca largos. Um sequestro. Teria batido neles e os metido no porta-malas? Levou-os na balsa para o continente, agora devem estar em Zagreb ou Munique ou em qualquer outro lugar. Mas como teria conseguido atravessar a fronteira com dois corpos inconscientes no porta-malas?

No entanto, o cachorro vira e entra correndo num barranco vazio transversal à estrada, numa cavidade profunda e pedregosa, dirigindo-se para baixo, ao longo das pedras. Pode-se ver um pequeno vinhedo abandonado lá embaixo, e uma casinha de pedras que parece um quiosque coberto com uma chapa ondulada e enferrujada. Diante da porta há uma pilha de gravetos secos de parreiras, talvez para queimar. O cachorro dá voltas ao redor da casa e retorna para a porta, mas ela está trancada. Eles levam um momento para perceber isso. O vento espalhou gravetos secos até a soleira. Obviamente ninguém poderia ter entrado por lá. O policial olha para dentro pelos vidros sujos e então começa a sacudir a janela, cada vez mais forte, até arrombá-la. Todos olham para dentro, atingidos pelos cheiros de mosto e de mar.

O walkie-talkie chia, dão água para o cachorro e o fazem cheirar o suéter outra vez. Agora ele dá três voltas ao redor da casa, retorna para a estrada e, depois de alguma hesitação, segue pelo mesmo caminho na direção de algumas rochas nuas, cobertas apenas parcialmente com gramas secas. Do precipício é possível avistar o mar. Todos os homens que participam das buscas estão parados ali com os rostos virados para a água.

O cachorro perde o rastro, dá a volta e, enfim, deita no meio da trilha.

“*To je zato jer je po noći padala kiša*”, diz alguém em croata e Kunicki entende que eles discutem o fato de que choveu na noite passada.



Detalhes de São Petersburgo, 1850

Chega Branko e o leva para um almoço tardio. A polícia ainda fica lá, mas eles voltam para Komiza. Quase não conversam. Kunicki tem consciência de que Branko não sabe o que dizer, ainda mais

numa língua estrangeira. Tudo bem, então, é melhor que não fale nada. Pedem um peixe frito num restaurante à beira-mar. Não é nem um restaurante, mas a cozinha de uns conhecidos de Branko. Todos ali são seus conhecidos. Também são fisicamente parecidos, têm traços bem definidos, rostos fustigados pelo vento, uma tribo de lobos do mar. Branko põe vinho no copo de Kunicki e o incentiva a beber tudo. Ele próprio também bebe num trago só. Depois não lhe deixa pagar a conta. Recebe um telefonema.

“*They manage to got a helicopter, an airplane. Police*”, diz Branko.

Eles elaboram um plano de busca ao longo da costa da ilha no barco de Branko. Kunicki liga para os seus pais na Polônia. Ouve a voz rouca, familiar de seu pai e lhe diz que precisam ficar ainda por três dias. Não dirá a verdade. Está tudo bem, simplesmente precisam ficar. Liga também para o trabalho dizendo que está com uns probleminhas e pede mais três dias de férias. Não sabe por que diz “três dias”.

Ele espera por Branko no cais. Branko surge usando a mesma camiseta com o símbolo da concha vermelha, mas é uma camiseta nova, limpa e fresquinha — deve ter muitas desse tipo. Acham uma pequena chalupa entre os barcos atracados. A inscrição azul bastante desajeitada no bordo da embarcação anuncia o nome: Netuno. E é então que Kunicki lembra que a balsa que eles pegaram para chegar ali se chamava *Posídon*. Muitas coisas, bares, lojas, barcos são chamados de Posídon. Ou Netuno. O mar lança esses dois nomes como se fossem conchas. Seria interessante saber como se consegue o copyright com um deus, Kunicki pensa. Com que lhe pagam?

Acomodam-se na chalupa pequena e apertada que lembra uma lancha com uma cabine de madeira fajuta feita com tábuas. Branko guarda lá garrafas de água cheias e vazias. Em algumas delas há vinho de sua vinícola, um vinho branco bom e forte. Todos na ilha têm a sua vinícola e o seu vinho. Branko tira o motor da cabine e monta-o na popa. Consegue ligá-lo na terceira

vez e a partir daquele momento precisam gritar para se comunicar. O barulho é insuportável, mas um instante depois o cérebro se acostuma como se fosse uma roupa quente de inverno que separa o corpo do resto do mundo. Esse ruído o faz imergir devagar na vista da enseada e do porto, que vão se encolhendo à medida que se afastam. Kunicki avista a casa em que se hospedaram, inclusive as janelas da cozinha e a flor de agave apontada para o céu como se fosse um fogo de artifício petrificado, uma ejaculação triunfante.

Em seus olhos tudo se encolhe e se desmancha: as casas numa linha escura e irregular, o porto numa nódoa branca caótica atravessada pelos riscos dos mastros; e sobre a cidadezinha se erguem as montanhas, nuas, cinzentas, salpicadas com o verde das vinícolas. E elas crescem, se tornam enormes. De dentro, a partir da estrada, a ilha parecia pequena, mas agora é possível ver a sua potência: as rochas formando um cone monumental, um punho lançado para fora da água.

Quando viram à esquerda, ao sair da enseada para o alto-mar, o litoral da ilha parece íngreme e assustador.

As cristas brancas das ondas que se chocam contra as rochas e os pássaros alarmados pela presença do barco são a fonte de movimento. Quando voltam a ligar o motor, os pássaros espantados desaparecem. A linha vertical de um jato rasga o céu, dividindo-o em duas folhas. O avião se dirige para o sul.

Zarpam. Branko acende dois cigarros e passa um para Kunicki. Fumar se torna difícil, gotículas de água respingam debaixo da proa e pousam em tudo.

“Olhe para a água”, Branko grita. “Para tudo que flutua.”

Quando se aproximam da enseada com a gruta, avistam um helicóptero que se desloca na direção oposta. Branko fica em pé no meio da chalupa e acena com as mãos. Kunicki olha para a aeronave, quase feliz. A ilha é pequena, pensa pela centésima vez, não há nada que possa se esconder do olhar daquela enorme libélula mecânica, tudo poderá ser visto como na palma da mão.

“Vamos até o Posídon”, grita para Branko, mas ele não parece convencido.

“Não há como passar lá”, grita de volta.

No entanto, a chalupa vira e reduz a velocidade. Eles passam no meio das rochas com o motor desligado.

Esta parte da ilha deveria se chamar Posídon, como tudo, pensa Kunicki. Deus construiu aqui as suas próprias catedrais: naves, cavernas, colunas e coros. As linhas são imprevisíveis, o ritmo, falso e irregular. As rochas negras e magnéticas brilham com a água, como se tivessem sido revestidas de um raro metal escuro. Agora, ao crepúsculo, essas construções são impressionantemente tristes, é a quintessência do abandono, ninguém jamais rezou neste lugar. De repente, Kunicki tem a sensação de que está vendo os protótipos das igrejas humanas, de que todas as excursões deveriam passar por ali antes de visitarem Reims ou Chartres. Ele quer compartilhar essa descoberta com Branko, mas o barulho é demasiado alto para conversar. Avistam um barco maior com a inscrição “Polícia, Split” que está navegando ao longo da costa íngreme. As duas embarcações se aproximam e Branko fala com os policiais. Não há quaisquer vestígios, nada. Ao menos é o que Kunicki acha, pois o ruído do motor abafa a conversa. Parece que se comunicam através do movimento dos lábios e do gesto suave, desesperançado de dar de ombros que não combina com suas camisas brancas ornadas com dragonas. Pedem para retornar porque vai escurecer em breve. É a única coisa que Kunicki ouve: “Retornem”. Branko acelera e isso soa como uma explosão. A água fica dormente, as ondas se dispersam no mar, miúdas como calafrios.

Atracar à ilha agora é muito diferente do que durante o dia. Primeiro, avistam luzes cintilantes que se tornam cada vez mais desiguais entre si, formando fileiras. Crescem enquanto a noite cai, ganham singularidade, distinção. As luzes dos iates que atracam ao cais não são as mesmas luzes nas janelas das casas. Os letreiros iluminados são distintos das luzes dos carros em movimento. Uma vista segura de um mundo domado.

Por fim, Branko desliga o motor e a chalupa segue em direção à costa. De repente, o fundo do barco arranha as pedras. Eles

chegaram à pequena praia municipal ao pé do hotel, longe do cais. Agora Kunicki vê por quê. Junto da rampa e da praia há uma viatura da polícia. Dois homens de camisas brancas estão claramente esperando por eles.

“Parece que querem falar com você” — diz Branko e abalroa o barco. De repente, Kunicki desfalece, está com medo do que pode ouvir. Que os corpos foram achados. É disso que tem medo. Vai até eles com as pernas bambas.

Graças a Deus se trata de um simples interrogatório. Não, não tem nada de novo. No entanto, já se passou tanto tempo que o caso tornou-se sério. Levam-no para a delegacia pela mesma e única estrada em Vis. Já está completamente escuro, mas parece que conhecem bem o caminho, pois não diminuem a velocidade nem nas curvas. Rapidamente passam pelo local onde ele os perdeu.

Na delegacia, outras pessoas esperam por ele: o tradutor, um homem alto e vistoso que fala, com toda a sinceridade, um polonês rudimentar, e um oficial de polícia. Fazem perguntas rotineiras com certa indiferença, e ele percebe que virou um suspeito.

Levam-no de volta para o hotel. Ele desce da viatura e faz menção de entrar. Mas só está disfarçando. Espera no pequeno corredor escuro até eles partirem e o barulho do motor da viatura silenciar. Depois, sai para a rua. Vai em direção à maior concentração das luzes, ao calçadão junto do cais onde estão todos os cafés e restaurantes. Mas já está tarde e, apesar de ser uma sexta-feira, o lugar não está cheio. Deve ser uma ou duas horas da madrugada. Ele procura por Branko entre os poucos clientes sentados às mesas, mas não o encontra lá, não vê a camiseta com a concha. Há alguns italianos, uma família inteira, estão terminando de comer, vê também duas pessoas mais idosas que bebem alguma coisa com um canudo e observam a ruidosa família italiana. Duas mulheres de cabelos claros, viradas de frente uma para a outra, roçam os seus ombros, entretidas com a conversa. Os homens locais, pescadores, um casal. Que alívio que ninguém lhe dê atenção... Vai pela margem da

sombra, junto da orla, sentindo o cheiro dos peixes e a brisa morna, salgada, vinda do mar. Tem vontade de virar e subir por uma das ruazinhas que levam para a casa de Branko, mas não se atreve. Devem estar dormindo. Senta-se, então, a uma mesa pequena na ponta do terraço de um restaurante. O garçom o ignora.

Ele observa os homens que chegam à mesa ao lado. Sentam-se e colocam uma cadeira a mais, estão em cinco. Antes que o garçom vá até eles, e antes que peçam os aperitivos, já estão unidos por um pacto silencioso e invisível.

Têm idades diferentes, dois deles têm barbas espessas, mas todas as suas diferenças logo desaparecem no círculo que acabaram de formar involuntariamente. Falam, mas não importa o quê. É quase como se estivessem se preparando para cantarem juntos, fazendo o aquecimento vocal. O riso preenche o espaço dentro do círculo — as piadas, mesmo as conhecidas, são bem-vindas, ou mesmo exigidas. A risada é grave, vibrante, domina o espaço e obriga as turistas, senhoras de meia-idade sentadas à mesa vizinha, a se calarem. O riso atrai olhares curiosos.

Estão preparando a sua plateia. A chegada do garçom com uma bandeja cheia de aperitivos vira uma abertura, e o próprio garçom, um moço, se torna um apresentador inconsciente que anuncia a dança, a ópera. Eles se animam ao vê-lo, uma mão se ergue e lhe aponta o lugar — aqui. Um instante de silêncio e em seguida as bordas dos copos de vidro são levadas às bocas. Alguns deles, os mais impacientes, não conseguem manter os olhos abertos, exatamente como na igreja, quando o padre coloca solenemente a hóstia branca na língua estendida. O mundo está pronto para uma virada — apenas por conveniência o chão está debaixo dos pés e o teto sobre as cabeças. O corpo já não pertence a ele mesmo, no entanto, faz parte de uma cadeia viva, constitui um pedaço de um círculo vivo. Assim, os copos se dirigem para as bocas e o próprio momento de esvaziá-los é quase imperceptível, é um ato definido por uma impressionante concentração e uma breve solenidade. A partir de então os homens vão se segurar neles — nos copos. Os corpos sentados

ao redor da mesa começarão a traçar os seus círculos, os topos das cabeças desenharão anéis no ar, a princípio pequenos, depois maiores. Começarão a se entrelaçar, desenhando novos arcos. Por fim, as mãos se erguerão, primeiro testando a sua própria força no ar, em gestos para ilustrar suas palavras, e em seguida irão para os braços dos companheiros, para seus ombros e costas, dando tapinhas e encorajando-os. Serão toques essencialmente amorosos. A confraternização das mãos e das costas não é nada importuno, é uma dança.

Kunicki olha para isso com inveja. Queria sair da sombra e se juntar a eles. Não conhece essa intensidade. Ele tem mais afinidade com o Norte, onde a comunhão masculina é mais tímida. Mas no Sul, lá onde o sol e o vinho abrem os corpos mais rápido e sem constrangimento, essa dança se torna completamente real. Depois de uma hora, o primeiro corpo desaba e para no encosto da cadeira.

Kunicki é atingido pela pata morna da brisa noturna que o empurra para as mesas como se estivesse tentando convencê-lo: “Vá, vá lá”. Queria se juntar a eles, aonde quer que estejam indo. Queria que eles o levassem junto.

Ele retorna para o hotel pelo lado escuro do calçadão, cuidando para não atravessar a fronteira da penumbra. Antes que adentre a escadaria estreita e abafada, toma fôlego e permanece imóvel por um instante. Depois sobe as escadas, tateando os degraus na escuridão, e logo se lança sobre a cama sem tirar a roupa, de bruços, com os braços estendidos para os lados, como se alguém lhe tivesse dado um tiro nas costas, e ele, por um momento, tivesse contemplado a bala, e depois morrido.

Ele se levanta depois de algumas horas, duas, talvez três, pois ainda está escuro, e desce para o carro às cegas. O alarme dispara e o carro pisca compreensivelmente, cheio de saudades. Uma por uma, Kunicki retira todas as bagagens. Sobe as escadas carregando as malas e as joga no chão da cozinha e da sala. Duas malas e um monte de trouxas, sacos, cestas, incluindo aquela com o lanche para a viagem, um par de pés de pato numa sacola de plástico, máscaras, um guarda-chuva, uma esteira de palha

para a praia, uma caixa de vinhos comprados na ilha, *ajvar*, o extrato de pimentão do qual eles gostaram tanto, e ainda alguns vidros de azeitonas. Ele acende todas as luzes e permanece sentado no meio dessa bagunça. Depois pega a bolsa dela e a sacode delicadamente para esvaziar todo o seu conteúdo sobre a mesa. Senta-se e examina uma miserável pilha de objetos, como se fosse um complicado jogo de varetas e a vez fosse dele — tirar uma vareta de tal forma que não se altere a posição das restantes. Após um momento de hesitação, pega o batom e tira a tampa. Um batom vermelho-escuro, quase novo, pouco usado. Inala o cheiro que lhe parece agradável, mas não sabe descrevê-lo com precisão. Toma coragem e pega cada objeto, um por um, e o coloca separadamente sobre a mesa. Um passaporte velho, com uma capa azul, ela parece muito mais nova na foto, tem cabelos longos, soltos e uma franja. Na última página a assinatura está quase apagada — por isso ela costuma ser retida na fronteira muitas vezes. Um caderno de anotações preto, fechado com elástico. Abre-o e começa a folhear. Acha algumas anotações, o desenho de uma jaqueta, uma coluna de números, o cartão de visitas de um bistrô em Polanica, atrás um número de telefone, uma mecha de cabelos escuros, ou nem uma mecha, simplesmente algumas dezenas de fios de cabelo. Ele os põe de lado. Depois vai olhar com mais calma. Um nécessaire feito de um material indiano exótico. Dentro dele: um lápis verde-escuro, pó compacto (quase no fim), rímel verde em forma de espiral, um apontador de plástico, brilho labial, pinça, uma corrente quebrada e enegrecida. Acha ainda um ingresso para o museu em Trogir, com uma inscrição no reverso, uma palavra estrangeira; aproxima o papel dos olhos e lê com dificuldade: *κ α ι ρ ός*, parece ser K-A-I-R-Ó-S, mas não tem certeza, a palavra não lhe diz nada. O fundo do nécessaire está cheio de areia.

Um celular com a bateria quase esgotada. Verifica as últimas ligações — o seu próprio número de telefone predomina, mas há outros que desconhece, dois ou três. “Mensagens recebidas” — apenas uma, que ele próprio mandou quando se perderam em

Trogir. “Estou junto do chafariz na praça principal.” “Mensagens enviadas” — nenhuma. Volta ao menu inicial, por um instante surge algum desenho na tela, depois desaparece.

Um pacote de lenços de papel aberto. Um lápis, duas canetas, uma caneta Bic amarela, outra com a inscrição “Hotel Mercure”. Moedas soltas, *grosze* e cêntimos de euro. Um porta-moedas, e nele algumas notas croatas — poucas, e dez *złotys* poloneses. Um cartão Visa. Um bloquinho de folhas cor de laranja, manchado. Um alfinete com um desenho antigo, aparentemente quebrado. Duas balas *kopiko*. Uma câmara fotográfica digital num estojo preto. Um prego. Um clipe de papel branco. Embalagem de chiclete. Migalhas. Areia.

Ele coloca isso tudo cuidadosamente sobre o tampo negro e fosco, todos os objetos separados pela mesma distância. Vai até a torneira, bebe água. Volta à mesa e acende um cigarro. Depois começa a fotografar cada objeto separadamente com a máquina dela. Vai tirando as fotos devagar, ponderadamente, focando os objetos com o flash ligado. Seu único pesar é que essa pequena máquina não consiga tirar uma foto dela própria. Ela também constitui uma prova no caso. Depois passa para o vestíbulo onde estão as bolsas e as malas e tira uma foto de cada uma delas. No entanto, não para por aí, desfaz as malas e começa a fotografar todas as peças de vestuário, todos os pares de sapatos, todos os tubos de creme e livros. Os brinquedos do menino. Tira, inclusive, as roupas sujas de uma sacola de plástico e fotografa essa pilha informe.

Acha uma pequena garrafa de *rakia* e a toma num único gole. Com a máquina fotográfica nas mãos, por fim, fotografa a garrafa vazia.

Já está claro lá fora quando pega o carro na direção de Vis. Leva consigo os sanduíches ressequidos que ela havia feito para a viagem. A manteiga derreteu com o calor e as fatias de pão absorveram uma camada gordurosa e brilhante de óleo, o queijo endureceu e ficou meio transparente, feito plástico. Ao partir de Komiža, come dois sanduíches e limpa as mãos na calça. Dirige devagar, com cuidado, olhando para os dois lados da estrada,

para tudo que passa, lembrando que o seu sangue está saturado de álcool. Entretanto, se sente forte e infalível como uma máquina. Não olha para trás, embora saiba que o mar cresce atrás dele, metro após metro. O ar está tão límpido que provavelmente se pode ver o litoral italiano do ponto mais alto da ilha. Por ora, ele para nas enseadas e examina tudo ao redor, qualquer papelzinho, qualquer lixo. Leva consigo os binóculos de Branko, com os quais observa as encostas. Vê os declives pedregosos cobertos de tufos emaranhados de gramas queimadas, cinzentas. Vê os pés das amoreiras imortais, enegrecidas pelo sol, agarrando-se às rochas com os seus brotos. Oliveiras gastas e agrestes com os troncos retorcidos, muretas de pedras que sobraram das vinhas abandonadas.

Depois de mais ou menos uma hora, devagar, feito uma patrulha da polícia, começa a descer para Vis. Passa por um pequeno supermercado onde faziam compras, principalmente de vinho, e então chega na cidade.

A balsa já atracou ao cais. É enorme, grande como um edifício, parece um prédio flutuante. *Posídon*. O portão enorme já está aberto, uma fila de carros e pessoas sonolentas já se formou e está prestes a entrar na caverna escancarada. Kunicki fica junto do balaústre e observa um grupo de pessoas que estão comprando passagens. Algumas carregam mochilas, entre elas uma linda moça com um turbante colorido. Ele olha para ela porque não consegue desviar o olhar. Junto dela há um rapaz alto de uma beleza escandinava. Há mulheres com filhos, ao que parece locais, sem malas, um homem de terno com uma pasta. Há um casal — ela com a cabeça encostada em seu peito, com os olhos fechados, como se quisesse cochilar para recuperar a noite demasiadamente breve. E alguns carros — um abarrotado até o teto com uma placa da Alemanha, dois italianos. E carros de abastecimento local indo buscar pão, legumes ou o correio. A ilha precisa viver. Kunicki olha discretamente para dentro dos carros.

Enfim, a fila começa a andar, a balsa engole pessoas e carros, ninguém protesta, seguem enfileirados como se fossem

bezerros. Por último, chega ainda um grupo de cinco motoqueiros franceses e eles também somem, engolidos obedientemente pela bocarra de *Posídon*.

Kunicki espera até que os portões se fechem com um gemido mecânico. O bilheteiro tranca o guichê e sai para fumar um cigarro. Ambos testemunham a balsa desatracar da margem com um ruído súbito.

Diz que está à procura da mulher e do filho, tira o seu passaporte do bolso e enfia debaixo do nariz do bilheteiro.

O outro olha para a foto no passaporte e se debruça sobre ela. Diz em croata algo do tipo:

“A polícia já nos perguntou por ela. Ninguém a viu por aqui.” Traga o cigarro e acrescenta: “Não é uma ilha grande, alguém se lembraria dela”.

Subitamente, coloca a mão no ombro de Kunicki como se fossem amigos de velha data.

“Café?”, e aponta com a cabeça para um café no porto que acaba de abrir.

Sim, café. Por que não?

Kunicki senta numa mesa pequena e o outro logo chega com dois expressos duplos. Tomam em silêncio.

“Não se preocupe”, diz o bilheteiro. “Não há como perder alguém aqui.” Ele diz mais alguma coisa e mostra a palma da mão aberta cortada por algumas linhas grossas, enquanto Kunicki lentamente traduz seu croata para o polonês, “Todos somos visíveis como a palma da mão”, ou algo parecido. Depois lhe traz um pão com bife e alface, e parte, deixando Kunicki com o café esfriando. Quando o homem desaparece, Kunicki solta um curto soluço; é como uma mordida no sanduíche, então o engole sem sentir o gosto.

A imagem das linhas na palma da mão continua na sua cabeça. Quem os vê? Quem olharia para todos eles, para esta ilha no mar, para os fios das estradas asfaltadas que ligam um porto ao outro, para alguns poucos milhares de pessoas derretidos no calor, locais e turistas que continuam em movimento. Imagens de fotos tiradas por satélites passam pela sua mente — dizem

que é possível ver o que está escrito numa caixa de fósforos com elas. Seria mesmo possível? Então deve dar pra ver de lá que ele está ficando careca. Um enorme céu frio cheio de olhos móveis de satélites inquietos.

Ele retorna para o carro pelo pequeno cemitério junto de uma igreja. Todos os túmulos estão voltados para o mar, como num anfiteatro. Assim, os mortos observam o vagaroso, repetitivo ritmo do porto. Talvez a balsa branca os alegre, talvez achem mesmo que é um arcanjo que escolta as almas nessa travessia sideral.

Kunicki observa que alguns dos sobrenomes se repetem. As pessoas aqui devem ser como os gatos que se reproduzem por meio do endocruzamento, circulam no meio de poucas famílias, raramente saem desses círculos. Ele para uma única vez — vê uma pequena lápide e apenas duas fileiras de letras:

Zorka 9 II 21 — 17 II 54
Srećan 29 I 54 — 17 VII 54

Por um instante procura nessas datas alguma ordem algébrica. Elas parecem um código. Mãe e filho. Alguma tragédia contida em datas, transcrita em etapas. Uma corrida de revezamento.

E já chegou ao limite da cidade. Está cansado, o calor está em seu ápice e agora o suor encobre a sua vista. Quando novamente sobe de carro para o interior da ilha, percebe que o sol ofuscante a transforma no lugar mais inóspito sobre a Terra. O calor tiquetaqueia como uma bomba-relógio.

Na delegacia lhe oferecem uma cerveja fria como se quisessem esconder a sua própria impotência debaixo da espuma branca. “Ninguém os viu”, diz um funcionário corpulento, que vira gentilmente o ventilador na direção de Kunicki.

“O que fazer, então?”, pergunta ao policial já na porta.

“Descanse”, o outro responde.

Mas Kunicki fica na delegacia escutando todas as chamadas telefônicas, os estalos do walkie-talkie cheios de significados

ocultos até Branko vir buscá-lo para almoçar. Quase não conversam. Depois ele pede para ser deixado no hotel, está fraco e deita sobre a cama sem tirar a roupa. Sente o seu suor; um cheiro asqueroso de medo.

Ele permanece deitado de costas no meio das coisas tiradas da bolsa dela. Os olhos examinam atentamente a sua constelação, as posições em relação aos outros elementos, as direções apontadas, as figuras criadas. Poderia ser um presságio. Há lá uma carta para ele, sobre o caso de sua mulher e seu filho, mas sobretudo a respeito dele próprio. Não conhece a letra ou aqueles sinais, não devem ter sido escritos pela mão de uma pessoa. A sua conexão com eles é óbvia, o próprio fato de que esteja olhando para eles é importante. O mero fato de estar vendo esses sinais constitui um grande mistério, assim como a possibilidade de poder olhar e ver. Existir é um mistério.

EM TODO E NENHUM LUGAR

Quando viajo, desapareço do radar. Ninguém sabe se estou no ponto de partida ou de chegada. Será que existe algum “entre lugar”? Ou será que sou como aquele dia perdido quando se voa para o leste e a noite recuperada quando se voa para o oeste? Estou sujeita à tão enaltecida lei da física quântica que afirma que uma partícula pode existir em dois lugares ao mesmo tempo? Ou a alguma outra, que ainda não foi demonstrada e desconhecemos, que diz ser possível inexistir duplamente no mesmo lugar?

Penso que há muitas pessoas como eu. Sumidas, ausentes. Aparecem de repente nos terminais das chegadas e começam a existir quando os funcionários carimbam os seus passaportes ou quando um recepcionista gentil lhes entrega a chave em algum hotel. Devem ter descoberto a sua inconstância e dependência dos lugares, das partes do dia, da língua ou da cidade e sua atmosfera. Fluidez, mobilidade, ilusão — essas são precisamente as qualidades que fazem de nós civilizados. Os bárbaros não viajam, eles simplesmente seguem para os seus destinos ou os invadem.

É o que acha a mulher que me oferece chá de ervas de uma garrafa térmica enquanto ambas esperamos por uma van que nos levará da rodoviária para o aeroporto. As suas mãos estão pintadas com hena num desenho complexo que a passagem dos dias torna ilegível. Quando subimos na van, ela apresenta sua teoria sobre o tempo. Diz que os povos sedentários, agrícolas, preferem os prazeres do tempo circular, em que todos os acontecimentos precisam voltar ao próprio início, recolher-se num embrião e repetir o processo de amadurecimento e de morte. Mas os nômades e os mercadores que se locomovem, precisaram inventar para si um outro tempo que correspondesse melhor a uma viagem. É o tempo linear, mais prático, pois reflete o progresso feito para alcançar um fim ou destino e evolui

em percentagens. Cada momento é único e nunca se repetirá, portanto favorece o risco e o ato de colher plenamente, de aproveitar o momento. Ainda assim, foi uma descoberta essencialmente amarga: quando a mudança ao longo do tempo é irreversível, a perda e o luto se tornam algo corriqueiro. Por isso você nunca os ouvirá usar palavras como “fútil” e “vazio”.

“Esforço fútil, conta vazia”, a mulher ri e coloca as mãos pintadas sobre a cabeça. Diz que a única maneira de sobreviver nesse tempo estendido, linear, é mantendo a distância através de uma dança que se baseia em dar um passo para a frente e outro para trás, um passo para a esquerda, e outro para a direita — passos fáceis de serem decorados. E quanto maior o mundo se tornar, maior a distância que pode ser alcançada dançando dessa forma — imigrando através dos sete mares, duas línguas e uma religião inteira.

Contudo, eu tenho outra opinião sobre o tempo. O tempo de todos os viajantes é constituído por tempos múltiplos, uma complexidade dentro de um único tempo. É o tempo da ilha, arquipélagos de ordem num oceano do caos, um tempo produzido pelos relógios nas rodoviárias, diferente em todos os lugares, tempo convencional, tempo médio, que ninguém deveria levar muito a sério. As horas que desaparecem num avião em voo, o amanhecer que chega num instante com a tarde e a noite em seu encalço. O tempo agitado das grandes cidades onde você está por pouco tempo, querendo cair nas garras da noite, e o tempo preguiçoso das planícies desabitadas vistas do avião.

Penso também que o mundo cabe dentro de um sulco no cérebro, na glândula pineal. Esse globo pode ser só um nó na garganta. Na verdade, você pode tossir e cuspi-lo.

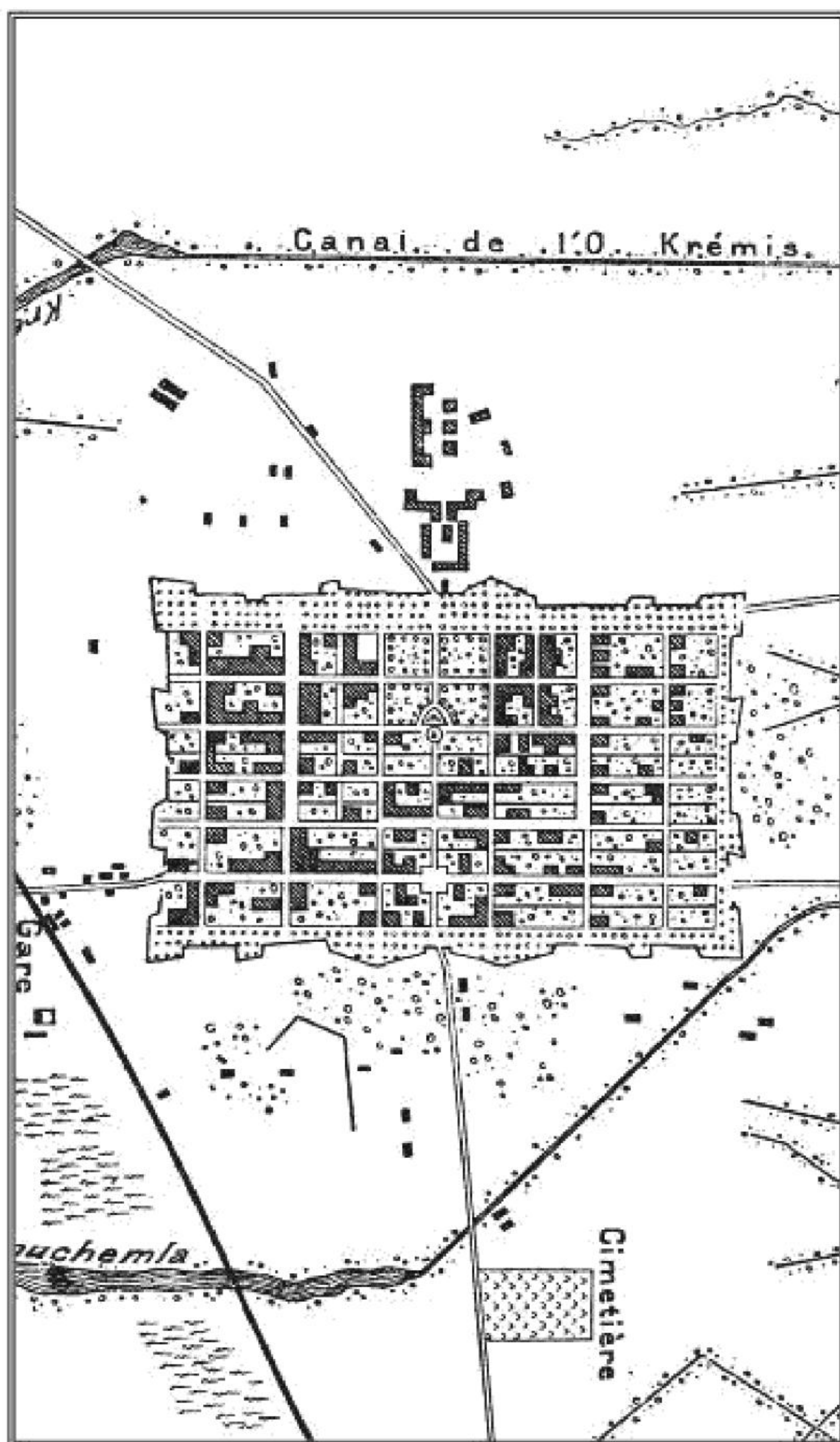
AEROPORTOS

Enormes aeroportos nos reúnem com a promessa de uma conexão para um outro voo; é a ordem das conexões e dos quadros de horário a serviço do movimento. Mas mesmo que não tivéssemos que ir para nenhum lugar nos próximos dias, vale a pena conhecê-los melhor.

Antigamente, os aeroportos ficavam na periferia das cidades, como um complemento delas, à semelhança das estações ferroviárias. Hoje, porém, eles se emanciparam tanto que já possuem a sua própria identidade. Em breve será possível dizer que são as cidades que complementam os aeroportos, como locais de trabalho e lugares para dormir, pois todos sabem que a vida de verdade se faz em movimento.

Em que os aeroportos ficariam devendo às simples cidades hoje em dia? Há neles exposições de arte interessantes, centros de conferência, festivais e lançamentos de produtos. Há jardins e calçadas, atividades educativas. No aeroporto de Schiphol é possível ver lindas cópias das obras de Rembrandt, e num certo aeroporto asiático há um museu de religião muito bem planejado. Além disso, temos neles acesso a bons hotéis e a uma grande variedade de restaurantes e bares. Há pequenas lojas, supermercados e lojas de departamentos, onde é possível se abastecer com as provisões para a viagem e comprar os souvenirs, para depois, já estando no local de interesse, não desperdiçar o nosso tempo. Há academias, salões de massagem clássica e oriental, há cabeleireiros e consultores de vendas, agências bancárias e lojas das operadoras de telefonia. E depois de satisfazer as necessidades do corpo, podemos procurar apoio espiritual nas inúmeras capelas e pontos de meditação. Em alguns dos aeroportos se organizam palestras e encontros literários com os autores. Ainda tenho o programa de uma delas na minha mochila: “A história e os aspectos fundamentais da psicologia de viagens”, “O desenvolvimento da anatomia no

século XVII”.



Boufarik, Argélia, 1882

Tudo está bem organizado; as esteiras possibilitam o trânsito

dos passageiros de um terminal a outro, para que possam ir de um aeroporto a outro (alguns separados por uma distância de mais de uma dezena de horas de voo!), enquanto um discreto serviço de segurança zela pelo funcionamento perfeito desse enorme mecanismo.

Eles são mais do que centros de viagem, são uma categoria especial de cidades-Estado, com localizações fixas, mas cidadãos em fluxo. São aeroportos-repúblicas, membros da União Internacional dos Aeroportos, ainda não representados na ONU, mas é só uma questão de tempo. São um exemplo de um regime onde a política interna é menos importante que as relações com os outros aeroportos membros da União, pois só elas asseguram a sua razão de ser. É o exemplo de um regime extrovertido em que a constituição está escrita em cada passagem, e o cartão de embarque é a única carteira de identidade dos seus cidadãos.

A quantidade de habitantes aqui é sempre mutável e oscilante. O interessante é que a população aumenta quando há névoas e tempestades. Os cidadãos, para se sentirem bem em qualquer lugar, não podem se destacar demais. Por vezes, quando se anda numa esteira e se cruza com irmãos e irmãs em viagem, é possível ter a impressão de que somos espécimes conservados em formol que se examinam mutuamente de dentro dos recipientes de vidro. Pessoas que parecem ter sido recortadas de ilustrações ou fotos em guias turísticos. Nosso endereço é o número do assento no avião: por exemplo, 7D ou 16A. Enormes esteiras nos levam em direções opostas: uns trajam sobretudos e gorros, outros camisetas com estampas de palmeiras e bermudas. Uns têm os olhos desbotados pela neve, outros estão bronzeados pelo sol. Uns estão permeados pela umidade setentrional, pelo cheiro de folhas putrefatas e terra lamacenta. Outros carregam a areia do deserto nas dobras das sandálias. Uns morenos, queimados, tostados. Outros ofuscantemente brancos, fluorescentes. Pessoas que raspam a cabeça e outras que jamais cortam o cabelo. Altas e corpulentas, como aquele homem, e miúdas, franzinas como aquela mulher que mal lhe chega à cintura.

Aeroportos têm também a sua trilha sonora. É a sinfonia das turbinas dos aviões, uma série de sons simples que se estendem num espaço desprovido de ritmo, um coro bimotor ortodoxo, tenebroso em tom menor, infravermelho, infranegro, amplo, com um único acorde que entedia até a si mesmo. Um réquiem iniciado com o poderoso *introitus* da decolagem e encerrado com um amém ao pousar.

A VIAGEM ÀS PRÓPRIAS RAÍZES

Os hostels deveriam ser processados por etarismo: por algum motivo oferecem acomodações apenas para jovens. Eles próprios determinam esses limites etários e pode ter certeza de que uma pessoa que passou dos quarenta não será aceita. Por que essa distinção concedida aos jovens? A própria biologia já não os beneficia com um monte de privilégios?

Tomemos como exemplo os mochileiros, que constituem a grande maioria dos frequentadores de hostels: são fortes e altos, tanto os homens quanto as mulheres, têm uma pele luminosa e saudável, raramente fumam ou usam qualquer tipo de droga, no máximo um baseado de vez em quando. Usam meios de transporte ecologicamente corretos — em outras palavras, trens noturnos e ônibus de longa distância superlotados. Em alguns países ainda conseguem pegar carona. À noite, chegam a esses hostels e, enquanto jantam, trocam mutuamente as Três Perguntas dos Viajantes: De onde você é? De onde você veio? Para onde vai depois? A primeira pergunta traça o eixo vertical, enquanto as duas seguintes, os horizontais. Graças a essa configuração, conseguem criar algo como um sistema de coordenadas, e quando já se situarem uns aos outros nesse mapa, podem adormecer em paz.

Aquele homem que eu conheci no trem viajava, como a maioria deles, à procura de suas raízes. Era uma viagem bastante complicada. A sua avó materna era judia de origem russa, e o avô, um polonês de Vilnius (partiram da Rússia com a tropa do general Anders e depois da guerra emigraram para o Canadá). O seu avô paterno era espanhol e a avó provinha de uma tribo indígena cujo nome esqueci.

A sua viagem estava apenas começando e tudo aquilo parecia sobrecarregá-lo um pouco.

COSMÉTICOS PARA VIAGEM

Hoje em dia qualquer drogaria de respeito oferece aos clientes uma série especial de cosméticos para viagem. Algumas redes dedicam estantes separadas especialmente para esse fim. É possível comprar tudo o que possa ser útil durante uma viagem: xampu, sabonete líquido para lavar a roupa íntima nos banheiros dos hotéis, escovas de dentes dobráveis, creme com filtro solar, repelentes, lenços com graxa para sapatos (há uma extensa gama de cores), kits para higiene íntima, creme para os pés, creme para as mãos. Uma das características de todos esses produtos é o seu tamanho — são miniaturas, tubinhos, vidrinhos e frasquinhos do tamanho de um polegar. No menor kit de costura há três agulhas, cinco meadas de linhas de diversas cores, cada uma de três metros, dois botões brancos para casos de emergência e um alfinete de segurança. O spray fixador para cabelo é de uma particular utilidade, o minúsculo recipiente cabe na mão.

Ao que parece, a indústria cosmética considerou o fenômeno das viagens como uma cópia reduzida da vida sedentária, a sua miniatura engraçada, um tanto infantil.

LA MANO DI GIOVANNI BATTISTA

O mundo está em demasia. Seria sensato diminuí-lo em vez de expandi-lo ou ampliá-lo. Seria melhor trancá-lo de volta numa lata pequena, num panóptico portátil e permitir que olhássemos para dentro dele apenas aos sábados à tarde, depois de terminar as tarefas diárias, quando já tivéssemos certeza de que há roupa íntima limpa, camisas estendidas sobre os encostos das cadeiras, o chão esfregado, bolo com levedura e crumble esfriando sobre o parapeito da janela. Espreitar nele por um buraco pequeno, como no Fotoplastikon de Varsóvia, maravilhando-se com cada detalhe.

Infelizmente, é possível que seja tarde demais.

Parece que não resta nada mais que aprender a viver fazendo escolhas. Aprender a ser como aquele viajante que conheci num trem noturno. Ele me disse que precisava ir ao Louvre de tempos em tempos para ver a pintura de João Batista, a única que, segundo ele, realmente valia a pena. Parar diante dela e contemplar a trajetória apontada pelo dedo erguido do santo.

O ORIGINAL E A CÓPIA

Um sujeito na lanchonete de um certo museu me disse que nada lhe dava mais satisfação do que conviver com um original. Também insistiu que quanto mais cópias houver no mundo, maior será o poder do original — que às vezes se aproxima do poder de uma relíquia sagrada. Pois o que é singular é significativo, com a ameaça de destruição que paira sobre ele. A confirmação dessas palavras veio na forma de um grupo de turistas que celebrava com concentração devotada uma pintura de Leonardo da Vinci. Apenas ocasionalmente, quando algum deles já não aguentava mais, ouvia-se o clique de uma máquina fotográfica, que soava como um amém falado numa nova língua digital.

O TREM DOS COVARDES

Existem trens que foram projetados para proporcionar sono aos passageiros. Toda a composição do trem é constituída por vagões-dormitórios e um vagão-bar. Não há necessidade de ser um vagão-restaurant, um carro-bar é mesmo suficiente. Por exemplo, um trem assim circula entre Szczecin e Breslávia. Parte às 22h30 e chega às 7h, embora a distância não seja muito grande. São apenas trezentos e quarenta quilômetros que poderiam ser percorridos em cinco horas. Mas a questão nem sempre é chegar mais rápido: a empresa zela pelo conforto dos passageiros. O trem para no meio de campos abertos. Permanece assim, imóvel, no meio de névoas noturnas, um hotel silencioso sobre rodas. Não vale a pena correr contra a noite.

Há também um trem bastante bom entre Berlim e Paris. E Budapeste e Belgrado. E de Bucareste a Zurique.

Acho que esses trens foram inventados para as pessoas que têm medo de andar de avião. Eles são um pouco constrangedores, é melhor não admitir ter viajado neles. Além disso, não recebem muita promoção. São trens para um público fixo, para essa infeliz percentagem da humanidade que morre de medo a cada decolagem e pouso. Para aqueles de mãos suadas que amassam impotentes lenço após lenço, e para os que agarram as mangas das comissárias de bordo.

Um trem desse tipo permanece parado humildemente nos trilhos laterais, sem marcar presença. (Por exemplo, aquele de Hamburgo para Cracóvia espera em Alton, escondido atrás de propagandas e outdoors). Os passageiros que viajam nele pela primeira vez costumam rodar muito pela estação antes de achá-lo. O embarque é feito com discrição. Nos bolsos laterais das bagagens há pijamas e chinelos, nécessaires, protetores auriculares. As roupas são penduradas cuidadosamente sobre ganchos especiais e nas pias microscópicas trancadas dentro de armários são guardados utensílios para escovar os dentes. Em

breve o cobrador recolherá os pedidos do café da manhã. Café ou chá — eis um arremedo da liberdade ferroviária. Se tivessem comprado uma passagem aérea de uma companhia barata, chegariam ao destino em uma hora e economizariam dinheiro. Passariam a noite abraçados com amantes cheios de saudades, jantariam em um dos restaurantes na rua Tal onde servem ostras. Um concerto noturno de Mozart na catedral. Um passeio pelo cais. Em vez disso, precisam se entregar inteiramente ao tempo de uma jornada sobre trilhos, e de acordo com o antigo costume dos antepassados, percorrer pessoalmente cada quilômetro, cada ponte, viaduto e túnel nessa viagem pela terra. Não há como contornar nada, dar um salto por cima. Cada milímetro da estrada será tocado pela roda, por um instante a transformará em sua tangente e sempre será uma configuração singular da roda e do trilho, do tempo e do espaço, única em todo o cosmos.

Mal zarpa o trem dos covardes para a noite, quase sem aviso prévio, e o bar fica lotado. Chegam homens de terno para tomar uns tragos ou uma cerveja grande para dormir melhor. Ou gays bem-vestidos cujos olhos se agitam feito castanholas; torcedores de algum time, perdidos, separados do grupo que partiu de avião, inseguros feito ovelhas fora do rebanho; amigas por volta dos seus quarenta anos que deixaram seus maridos chatos e se lançaram à procura de aventuras.

Aos poucos começam a faltar assentos e os passageiros se comportam como se estivessem numa grande festa. Depois de algum tempo, os garçons amigáveis apresentam uns aos outros: “Este cara viaja com a gente todas as semanas”, “Ted, o cara que diz que não vai dormir, mas será o primeiro a apagar”, “O passageiro que vai todas as semanas visitar a mulher — deve amá-la muito”, “A sra. Nunca-mais-pegarei-este-trem”.

No meio da noite, quando o trem desliza lentamente pelas planícies da Bélgica ou da Lubúsquia, quando a névoa noturna fica mais espessa e embaça tudo, chega ao bar a segunda leva de passageiros: passageiros exaustos e insones que não se envergonham das pantufas nos seus pés sem meias. Eles se juntam como se estivessem entregando a sua sorte nas mãos do

destino — o que tiver que ser será.

Mas acho que só pode lhes acontecer o melhor, pois estão num lugar móvel que se desloca no espaço escuro; são carregados pela noite. Sem conhecerem ninguém e sem serem reconhecidos por ninguém. Escapando das próprias vidas e, em seguida, sendo escoltados de volta para elas em segurança.

O APARTAMENTO ABANDONADO

O apartamento não entende o que aconteceu, acha que o dono morreu. Desde que a porta se fechou e a chave arranhou a fechadura, todos os sons que chegam lá são abafados, desprovidos de sombra e de contornos como manchas indistintas. O espaço se condensa, não é usado nem perturbado por nenhuma corrente de ar, nenhum movimento das cortinas. Nessa imobilidade, começam a se cristalizar timidamente formas experimentais, suspensas por um momento entre o chão e o teto da entrada.

Obviamente, não aparece nada de novo — como poderia? Apenas imitações das formas conhecidas, fundindo-se em aglomerados borbulhantes que só por um momento se encaixam nos seus contornos. São episódios singulares, apenas gestos, como, por exemplo, uma pegada sobre um tapete macio que se forma e desaparece infinitamente, sempre no mesmo lugar. Ou uma mão que imita o movimento da escrita sobre uma mesa, embora o movimento seja de todo incompreensível, pois é executado sem a caneta, sem o papel, sem a letra e sem o resto do corpo.

O LIVRO DA INIQUIDADE

Não era minha amiga. Topei com ela no aeroporto de Estocolmo, o único no mundo com piso de madeira, um belo assoalho de carvalho escuro, encerado, com tacos ajustados cuidadosamente. Calculando, grosso modo, devem ter custado vários hectares de floresta setentrional.

Estava sentada do meu lado, estendeu as pernas e as apoiou sobre a sua mochila preta. Não lia, não ouvia música — apenas tinha as mãos entrelaçadas sobre a barriga e olhava para a frente. Gostei do fato de ela ser tão serena, completamente entregue ao ato de esperar. Quando a olhei mais abertamente, notei que o seu olhar deslizava sobre esse chão encerado. Para puxar conversa, balbuciei que era uma pena gastar uma floresta inteira só para fazer o piso de um aeroporto.

“Dizem que quando se constrói um aeroporto, é preciso sacrificar um ser vivo”, ela respondeu. “Para que não haja acidentes.”

As comissárias de bordo no balcão tinham um problema. Aparentemente — disseram aos passageiros à espera — o avião estava superlotado. Por algum acaso do sistema, havia gente demais na lista de passageiros. Um erro de computador, foi o que a sorte nos reservou. Eles dariam duzentos euros, um pernoite no hotel do aeroporto e um voucher para o jantar a duas pessoas que estivessem dispostas a pegar o voo no dia seguinte.

As pessoas se entreolhavam nervosamente. Alguém disse: vamos sortear! Outra pessoa riu, mas depois pairou um silêncio desagradável. Era compreensível que ninguém quisesse ficar. Não vivemos no vácuo, temos encontros marcados, uma consulta com o dentista no dia seguinte, convidamos os amigos para o jantar.

Olhei para meus sapatos. Eu não estava com pressa. Não precisava chegar a tempo em nenhum lugar particular. Que o

tempo tome conta de mim, e não ao contrário. E além disso — há diversas formas de se ganhar a vida, e aqui surge toda uma nova dimensão de trabalho, talvez o emprego do futuro, que salvará as pessoas do desemprego e da superprodução de lixo. Ficar de lado, ganhar a diária dormindo em um hotel, tomar o café da manhã em bufês aproveitando a variedade de iogurtes. Por que não? Levantei-me e fui até as comissárias nervosas. Foi então que a mulher sentada ao meu lado me seguiu.

“Por que não?”, disse ela.

Infelizmente, nossas malas haviam sido despachadas. Um ônibus vazio nos levou para o hotel e nos foram dados quartos contíguos, pequenos e agradáveis. Não havia malas para desfazer, apenas a escova de dentes e roupa íntima limpa — estávamos reduzidas a rações de combate. Além disso, creme para o rosto e um livro grosso e envolvente. Um bloco de anotações. Haveria tempo para anotar tudo, para descrever essa mulher:

É alta, forte, tem quadris relativamente largos e mãos delicadas. Prende os cabelos abundantes e encaracolados num rabo de cavalo porque são indomáveis, inteiramente brancos, voando ao redor da cabeça como se fossem uma aureola prateada. No entanto, o seu rosto parece jovem, claro, sardento. Deve ser sueca, elas não pintam o cabelo.

Combinamos de nos encontrar lá embaixo, no bar, naquela noite, depois de tomar uma longa ducha e examinar os canais de televisão.

Pedimos um vinho branco e depois de trocar as gentilezas iniciais, incluindo as Três Perguntas Básicas dos Viajantes, fomos direto ao ponto. Primeiro, contei sobre minhas peregrinações, mas logo tive a impressão de que ela ouvia apenas por educação. Por isso perdi o ímpeto e já sabia que ela tinha uma história muito mais interessante.

Ela está recolhendo provas, disse, e havia recebido inclusive uma bolsa da União Europeia especialmente para essa finalidade. Não era o suficiente para cobrar as despesas das viagens, então

teve que pedir dinheiro emprestado ao seu pai — que faleceu depois disso. Afastou um cacho de cabelos brancos da testa (foi então que me assegurei de que tinha menos de quarenta e cinco anos) e pedimos uma salada bancada com os vales-refeições que davam direito a consumir apenas uma salada niçoise.

Ela falava com os olhos semicerrados, o que conferia um tom ligeiramente irônico às suas palavras. Deve ter sido por isso que nos primeiros minutos não sabia se ela estava falando a sério. Ela disse que à primeira vista o mundo parecia realmente diversificado. Não importava aonde fosse, era possível conhecer diversas pessoas, as suas culturas exóticas, cidades construídas sobre diversos planos e com diversos materiais. Havia diferentes telhados, janelas e quintais. Nesse ponto, ela espetou um pedaço do queijo feta no garfo e traçou círculos com ele.

“Mas que essa diversidade superficial, essa cauda de pavão, não te engane. Em todos os lugares é a mesma coisa: em relação aos animais. Àquilo que o ser humano faz com os animais”, disse.

Serenamente, como se estivesse repetindo um discurso que conhecia de cor, começou a enumerar: no calor, os cachorros correm dando voltas, amarrados a correntes demasiado curtas, esperando pela água como se estivessem esperando pela salvação; filhotes amarrados a uma corrente de meio metro, sem conseguir andar aos dois meses de idade; no inverno, as ovelhas dão à luz nos campos, na neve, e tudo o que os fazendeiros fazem nesses casos é arrumar carros enormes para recolher os cordeiros congelados; nos aquários dos restaurantes se mantêm lagostas para que o dedo do cliente as condene à morte em água fervente; já em outros, se cria cães, pois um prato preparado com a carne canina recupera a potência masculina; as galinhas nas gaiolas são definidas pela quantidade de ovos botados, estimuladas com substâncias químicas durante a sua vida curta; os cachorros são colocados para lutarem em rinhas; injetam-se germes nos macacos; a pele dos coelhos serve para testar cosméticos; os casacos de pele são feitos com os fetos das ovelhas — dizia isso indiferentemente, colocando azeitonas na

boca.

Protestei. “Não, não posso ouvir isso.”

Então ela tirou da bolsa de pano que havia pendurado no encosto da cadeira uma pasta de folhas xerocadas em preto e branco e plastificadas, que me passou por cima da mesa. Folheei relutantemente as folhas enegrecidas com o texto distribuído em duas colunas como numa enciclopédia ou na Bíblia. Letra miúda, notas de rodapé. “Relatórios da iniquidade”, e o endereço do site na internet. Bati os olhos e soube que não iria ler aquilo. Mas coloquei as folhas cuidadosamente dentro da minha mochila.

“Eu me ocupo com isso”, disse.

Depois da nossa segunda garrafa de vinho, me contou sobre quando sofreu do mal da montanha durante uma viagem para o Tibete e quase morreu. Uma mulher local a curou com chá de ervas e batendo um tambor.

Fomos dormir tarde. Naquela noite as nossas línguas se destravaram, lubrificadas com vinho, ansiosas por longas frases e histórias.

Na manhã do dia seguinte, na hora do café no hotel, Alexandra, assim se chamava essa mulher furiosa, inclinou-se sobre os croissants e disse:

“O verdadeiro Deus é um animal. Está nos animais, tão próximo, que não o notamos. Todos os dias se sacrifica por nós, morre repetidas vezes, nos alimenta com o seu corpo, veste a sua pele, disponibiliza o seu corpo para testar um medicamento para que nossa vida seja mais longa e melhor. Assim nos demonstra o seu afeto, nos presenteia com amizade e amor.”

Fiquei paralisada, com os olhos encravados em seus lábios, comovida não tanto com a sua revelação mas com o tom com que disse isso — tão sereno. E com a faca que brilhava ao espalhar com indiferença uma película de manteiga no interior fofo do croissant.

“A prova está em Gante.”

Ela arrancou um postal da bolsa de pano e o jogou sobre o meu prato.

Eu o peguei e tentei encontrar algum sentido numa miríade

de detalhes. Acho que precisava de uma lupa para isso.

“Qualquer pessoa pode vê-lo”, disse Alexandra. “No centro da cidade há uma catedral, e lá, no altar, uma enorme e bela pintura na qual é possível ver um campo, uma planície verde em algum lugar fora da cidade. Nesse prado há um simples pedestal. Ali”, indicou com a ponta da faca, “ali está o Animal elevado em forma de um cordeiro branco.”

Sim, reconheci a pintura. Já a havia visto inúmeras vezes em reproduções. *Adoração do cordeiro místico.*

“Sua verdadeira identidade foi descoberta — sua silhueta clara e luminosa atrai o olhar, faz com que a cabeça se curve diante de sua divina majestade”, Alexandra contava e apontava a faca para o cordeiro. “E vemos as procissões que vão até ele vindas de quase todos os lados — todos chegam para lhe pagar tributo, olhar para esse Deus mais humilde, depreciado. Veja aqui: soberanos, imperadores e reis seguindo até ele, as igrejas, os parlamentos e partidos políticos, as guildas; seguem as mães com os filhos, os idosos e jovens...”

“Por que você faz isso?”, perguntei.

“É óbvio”, ela respondeu, “para escrever um grande livro em que nenhum crime cometido desde o início do mundo será omitido. Será a confissão da humanidade.”

Aliás, ela já preparou os excertos da literatura grega antiga.

GUIAS

Descrever é como usar — desgasta; as cores desbotam, os ângulos perdem definição, tudo que é descrito por fim esmaece, se apaga. Isso se aplica principalmente aos lugares. Os guias causaram uma enorme devastação: um verdadeiro flagelo, uma epidemia. Destruíram para sempre a maior parte do nosso planeta. Publicados em milhões de exemplares, em várias línguas, enfraqueceram os lugares, fixando-os, nomeando-os e borrando seus contornos.

Até eu, em minha ingenuidade juvenil, tentei descrever lugares. Mas quando voltava a essas descrições, quando tentava respirar fundo e mais uma vez me impressionar com a sua intensa presença, me sintonizar com os seus murmúrios, ficava chocada. A verdade é terrível: descrever é destruir.

Por isso é preciso ter muito cuidado. O melhor seria não usar os nomes: evite, esconda, tenha cautela ao dar endereços para não incitar ninguém a fazer uma peregrinação. O que alguém poderia encontrar lá? Um lugar morto, poeira, um âmago ressequido.

O livro *As síndromes clínicas*, que já mencionei antes, também inclui a Síndrome de Paris, que aflige principalmente os turistas japoneses que visitam a cidade. Ela é caracterizada por choque e vários sintomas físicos como respiração curta, palpitações, transpiração e excitação. Por vezes há alucinações. Nesses casos, são administrados calmantes e recomenda-se o retorno para casa. Esses distúrbios são explicados pela discrepância entre as expectativas dos peregrinos e a realidade de Paris, que não lembra nem um pouco a cidade que conhecem dos guias, dos filmes e da televisão.

NOVAS ATENAS

Entretanto, nenhum livro envelhece tão rápido quanto os guias turísticos, o que, aliás, é uma vantagem para essa indústria. Em minhas viagens sempre fui fiel a dois. Sempre os prezei mais que aos outros, mesmo tendo sido escritos há muito tempo, porque foram escritos com verdadeira paixão e um desejo genuíno de descrever o mundo.

O primeiro foi escrito na Polônia no início do século XVIII. Mais ou menos na mesma época, outros ensaios escritos no Ocidente iluminista talvez tenham sido mais bem-sucedidos, mas decididamente nenhum deles possui o mesmo charme. O seu autor foi um padre católico chamado Benedykt Chmielowski, que veio da Volínia (uma região que agora é compartilhada pela Polônia, Ucrânia e Bielorrússia). Ele foi o Flávio Josefo da província encoberta pela bruma, o Heródoto dos confins do mundo. Suspeito que sofria da mesma síndrome que eu, mas, diferentemente de mim, nunca saiu de sua casa.

No capítulo com o longo título “Sobre diversas, maravilhosas e singulares pessoas no mundo: Isto é, Anencéfalos, também conhecidos como Desprovidos de Cabeças, ou Cinocéfalos, também conhecidos como Cabeça de Cão; e sobre outras pessoas de outras formas extraordinárias”, ele escreve:

[...] existe um Povo conhecido como blêmios, apelidado por Isidoro de lêmnios, com a figura e a simetria de nosso gentio, porém, desprovidos de cabeças, com apenas um rosto no meio do peito. [...] No entanto, Plínio, o Velho, um grande estudioso do mundo natural, não só confirma a sua afeição para com os *Acephalis*, conhecidos como povos sem cabeças, mas os situa próximos dos trogloditas da Etiópia, um País dos Negros. Grande parte do conhecimento desses autores deriva do *Momentum*, de Santo Agostinho, *oculatus Testis* [isto é, testemunha ocular], a respeito das peregrinações por aquelas

Terras (tendo sido bispo de Hipona, na África, muito próximo dali) e do plantio da *semina* (sementes) da Sagrada Fé Cristã, o que menciona claramente no Sermão conhecido como *in Eremo* (no Deserto) dirigido à Irmandade Agostiniana, fundada por ele mesmo. “Eu já era bispo de Hipona quando fui com alguns servos de Cristo para a Etiópia com a intenção de pregar o Evangelho de Jesus Cristo; e foi lá que vimos muitos homens e muitas mulheres sem cabeças. Essa gente possuía enormes olhos nos peitos, mas os restantes membros assemelhavam-se aos nossos.” Solinus, um Autor evocado repetidas vezes, escreve que nas montanhas da Índia há pessoas com cabeças e vozes de cães, ou seja, ladram. Marco Polo, que percorreu a Índia, afirma que na Insule Angamen existem pessoas com cabeças e dentes de cães. O mesmo é relatado por Odoricus Aelianus (*lib. 10*), que situa esses povos nos desertos e florestas do Egito. Plínio, o Velho, chama esses monstros humanos de *Cynanalogos, Aulus, Gellius*. Isidoro os chama de *Cynocephalos*, isto é, cabeças de cão. Mikołaj Radziwiłł, na Epístola 3 de sua Peregrinação, afirma que andava acompanhado por dois *Cynocephalos*, isto é, pessoa com cabeça de cão, e que veio com eles para a Europa.

Tandem oritur questio [Enfim surge uma pergunta]: Essas Pessoas Monstruosas são *capaces* [aptas] a serem salvas? Santo Agostinho, Oráculo da Catedral de Hipona, responde a essa questão afirmando que não importa o lugar em que uma pessoa nasce. O que conta é que seja um homem de verdade, um ser racional e dono de uma alma racional. E mesmo tendo forma, cor, voz, jeito de andar diferentes dos nossos, não se deve duvidar que deriva do primeiro Genitor Adão, portanto, é *capax* de ser salvo.

O segundo guia é *Moby Dick*, de Melville.

Porém, se você puder ter de quando em quando acesso à Wikipédia, isso é mais que o suficiente.

WIKIPÉDIA

Ela me parece o projeto epistêmico mais honesto da humanidade. Lembra-nos explicitamente que todo o conhecimento sobre o mundo deriva das nossas próprias cabeças, assim como Atena nasceu da cabeça de uma divindade. As pessoas introduzem na Wikipédia tudo aquilo que elas próprias sabem. Se o projeto der certo, essa enciclopédia em renovação perpétua será a maior maravilha do mundo. Haverá nela tudo o que sabemos, todas as coisas, definições, todos os acontecimentos e os problemas resolvidos pelo nosso cérebro; citaremos as fontes e incluiremos os links. Dessa forma começaremos a tecer a nossa versão do mundo, abarcar o globo terrestre com a nossa própria narração. Colocaremos tudo nela. Mãos à obra! Que todos nós escrevamos ao menos uma frase sobre aquilo que sabemos melhor.

Porém, às vezes começo a duvidar que isso vingue. Afinal, ela só pode conter aquilo que pode ser articulado, expresso através das palavras. Nesse sentido é impossível que uma enciclopédia desse tipo abranja tudo.

Deveria, então, existir algum outro acervo do conhecimento — aquilo que não sabemos, o reverso, o lado oposto, todas as coisas que não podem ser capturadas por nenhum índice ou abarcadas por nenhum mecanismo de busca. Pois essa vastidão não pode ser percorrida palavra por palavra — é preciso andar entre elas, nos abismos existentes por entre os conceitos. E, a cada passo, escorregamos e caímos.

Parece que o único movimento viável é o movimento para dentro.

Matéria e antimatéria.

Informação e anti-informação.

CIDADÃOS DO MUNDO, ÀS PENAS!

Jasmim, uma muçulmana simpática com quem certa vez conversei noite adentro, me contou sobre o seu projeto: queria incentivar todas as pessoas em seu país a escreverem livros. Dizia: é preciso tão pouco para escrever um livro — um pouco de tempo livre depois do trabalho, nem sequer é preciso ter um computador. Pode acontecer de uma pessoa assim, tão corajosa, escrever um best-seller, e o seu esforço ser premiado com um avanço social. É a melhor maneira de sair da pobreza, ela dizia. Ah, se todos nós lêssemos os nossos livros mutuamente, suspirava. Criou um fórum na internet que aparentemente já tinha centenas de membros.

Gosto muito quando a leitura de livros é tratada como um dever moral de irmão e irmã para com os próximos.

PSICOLOGIA DE VIAGEM: *LECTIO BREVIS I*

Nos últimos meses passei por aeroportos onde alguns estudiosos organizam pequenas palestras no meio do alvoroço de viagem, entre avisos de partidas e embarques. Um deles me explicou que era um projeto educacional em escala global (ou talvez da União Europeia). Então, em determinado momento, decidi parar diante de uma tela na sala de embarque e de um grupo de curiosos.

“Prezados senhores”, uma jovem mulher começou, ajeitando o xale colorido com um gesto um tanto nervoso enquanto o seu companheiro, um homem de paletó de tweed com remendos de couro nos cotovelos, preparava um telão suspenso na parede. “A psicologia de viagem se ocupa do homem que viaja, do homem em movimento e, dessa forma, se situa em oposição à psicologia tradicional, que sempre analisou o ser humano num contexto fixo, na estabilidade e na imobilidade, por exemplo, pelo prisma de sua constituição biológica, das relações familiares e sociais e assim por diante. Para a psicologia de viagem essas questões não constituem o centro de atenção, são de importância secundária.

“Se quisermos descrever um ser humano de uma forma convincente, podemos fazê-lo apenas se o colocarmos em algum movimento, percorrendo a distância de um ponto para outro. O fato de surgirem tantos relatos pouco convincentes acerca do homem estável, fixo, parece questionar a existência do “eu” entendido fora do contexto inter-relacional. Isso fez com que, por algum tempo, na psicologia de viagem, houvesse certas ideias preponderantes alegando que é impossível existir outra psicologia além da psicologia de viagem.”

O pequeno grupo de ouvintes se agitou. Um grupo barulhento de torcedores — homens altos que se destacavam com os cachecóis do seu clube esportivo — acabou de passar. Ao mesmo tempo vinham até nós pessoas intrigadas com a tela estendida sobre a parede e as duas fileiras de cadeiras. Elas

sentavam por um momento em seu caminho rumo ao portão de embarque ou entre suas perambulações pelas lojas do aeroporto. Os rostos de muitas delas tinham vestígios de cansaço e desorientação por causa do fuso horário; era visível que ficariam contentes em tirar uma soneca, e provavelmente não sabiam que atrás da quina mais próxima havia uma sala de espera confortável com poltronas para dormir. Alguns viajantes pararam quando a mulher começou a falar. Um casal de jovens abraçados a ouvia concentrado, trocando carícias nas costas.

A mulher fez um pequeno intervalo e então prosseguiu:

“Desejo é um termo importante para a psicologia de viagem. É ele que coloca o ser humano em movimento, indica o rumo e estimula nas pessoas a afeição a algo. O desejo em si é vazio, ou seja, indica apenas o rumo, mas não o objetivo, pois o objetivo sempre permanece fantasmagórico e pouco claro; quanto mais próximo estiver, mais enigmático se torna. É impossível alcançar um objetivo assim, tampouco saciar o desejo. O termo que acentua esse processo marcado pelo empenho é a preposição ‘para’. Para o quê?”

Nesse momento a mulher ergueu os olhos sobre os seus óculos e lançou um olhar penetrante sobre a audiência, como se estivesse esperando alguma forma de confirmação de que estava se dirigindo às pessoas certas. O casal acompanhado de dois filhos num carrinho não gostou disso e, após uma troca de olhares, empurrou a sua bagagem para a frente e foi ver o falso Rembrandt.

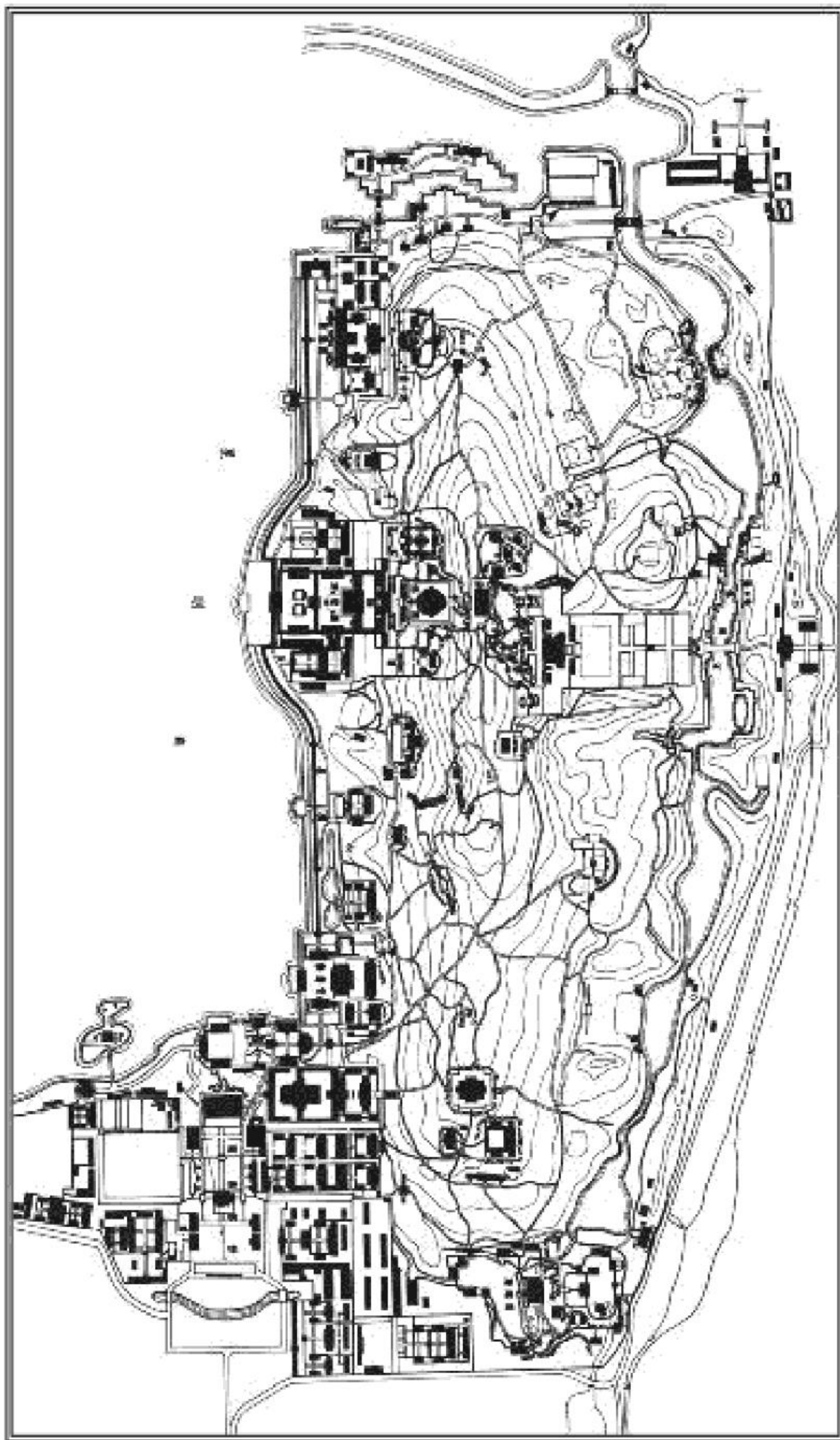
“A psicologia de viagem não se dissocia das suas ligações com a psicanálise...”, a mulher continuou, e eu fiquei com pena desses jovens palestrantes. Eles falavam para pessoas que estavam lá por acaso e não pareciam interessadas. Fui até a máquina pegar um café, coloquei alguns cubos de açúcar para me reanimar, e quando voltei, descobri que era a vez do homem falar.

“...o termo básico”, disse ele, “é a constelacionalidade, e, a princípio, o primeiro teorema da psicologia de viagem: na vida, diferente da ciência (mesmo que na ciência muitos também

acabem sobrecarregados por uma questão de ordem), não existe nenhum *primum filosófico*. Isso quer dizer que não há como construir um fio construtivo de argumentos ou narrativas de causa e efeito à base de acontecimentos que se sucedem casuisticamente e decorrem um do outro. Isso seria apenas uma aproximação, assim como a rede dos paralelos e meridianos nos parece uma aproximação da superfície de um globo. Ao contrário, para retratar a nossa experiência da forma mais fidedigna, seria necessário compor a totalidade de elementos com um peso mais ou menos igual e alocá-los concentricamente sobre a mesma superfície. A constelação, e não a sequência, é a portadora da verdade. Por isso, a psicologia de viagem descreve o ser humano em situações equivalentes, sem pretender dar à sua vida alguma continuidade aproximada. A vida humana é composta de situações. Existe, no entanto, certa tendência à repetição dos comportamentos, mas ela não é decisiva em criar uma ilusão da vida que constitui uma totalidade coerente.”

O homem olhou sobre os óculos para a plateia, querendo verificar se estavam de fato prestando atenção. Ouvíamos atentamente.

Na mesma hora passou correndo por nós um grupo de viajantes com crianças; deviam estar atrasados para uma conexão. Isso nos desconcertou um pouco, ficamos olhando por um instante para os seus rostos quentes e corados, chapéus de palha, lembranças em forma de tambores e máscaras, colares de búzios. O homem pigarreou uma série de vezes para chamar a nossa atenção, inspirou, enchendo os pulmões de ar, mas, ao nos olhar mais uma vez, soltou o ar e se calou. Virou algumas páginas das suas anotações e disse, enfim:



Mapa chinês, 1984

“História. Agora algumas frases sobre a história. Essa área se desenvolveu na época do pós-guerra (anos cinquenta do século passado) a partir da psicologia da aviação, que surgiu em

consequência do crescente número de viagens áreas. Inicialmente, tratava de problemas particulares relacionados com o trânsito de passageiros, como a atuação de equipes de tarefas em situações de risco e a dinâmica psicológica do voo. Em seguida, expandiu os seus interesses para a organização dos aeroportos e hotéis, apropriação de novos espaços, aspectos interculturais das viagens. Com o tempo, ela se diversificou em especializações distintas como psicogeografia, psicotopologia. Foram criadas também áreas clínicas...”

Parei de ouvir, a palestra era longa demais. Deveriam servir esse conhecimento em porções menores.

Olhava, porém, para um homem malvestido, todo amassado. Devia estar numa viagem longa. Achou o guarda-chuva preto de alguém e o examinava minuciosamente. Descobriu, no entanto, que o guarda-chuva não servia mais para nada. O aramado estava quebrado e a cobertura negra não podia mais ser aberta. Foi então que, para o meu espanto, o homem começou a retirar o dossel do guarda-chuva, desprendendo-o das nervuras e virolas, o que demorou um pouco. Fazia isso concentrado, imóvel em meio à correnteza da multidão de viajantes. Quando terminou, dobrou o tecido num cubo, enfiou no bolso e desapareceu no fluxo de gente.

Então me virei e também segui meu caminho.

O TEMPO E O LUGAR CERTO

Muitas pessoas acreditam que existe no sistema das coordenadas geográficas um ponto perfeito onde o tempo e o espaço chegam a um acordo. Aliás, talvez seja por isso que elas saem de casa, supondo que, mesmo se movimentando de modo caótico, aumentariam a probabilidade de chegar a tal ponto. Encontrar-se no momento e lugar certos, aproveitar a oportunidade, agarrar o instante e não soltar — significaria que o código da fechadura foi quebrado, a combinação, revelada, e a verdade, exposta. Não deixar escapar, surfar pelo acaso, pela coincidência, pelas reviravoltas do destino. Não é preciso fazer nada — só se apresentar e se registrar nesta única configuração do tempo e espaço. Lá é possível encontrar um grande amor, felicidade, um prêmio na Mega-Sena ou a revelação de um mistério que todos se esforçam há anos para desvendar, sem sucesso, ou deparar com a própria morte. Às vezes, de manhã, se tem a impressão de que esse momento já está próximo, que talvez aconteça hoje mesmo.

MANUAL

Sonhei que folheava uma revista americana com fotos de reservatórios e piscinas. Via tudo, detalhe por detalhe. Letras a, b, c descreviam detalhadamente cada componente dos esquemas e planos. Com curiosidade comecei a ler um artigo cujo título era: “Como construir um oceano. Manual”.

BANQUETE DE QUARTA-FEIRA DE CINZAS

“Pode me chamar de Éric”, ele anunciava em vez de cumprimentar as pessoas quando entrava no pequeno bar, aquecido naquela época do ano apenas com a lenha que queimava na lareira. Todos, então, sorriam amigavelmente para ele. Alguns, aliás, o chamavam com um aceno que queria dizer “venha sentar aqui comigo”. Era essencialmente um bom companheiro e, apesar das suas esquisitices, as pessoas gostavam dele. Porém, a princípio, até beber o suficiente, ele sentava num canto longe do calor da lareira parecendo mal-humorado. Podia se dar ao luxo de fazer isso pois era um homem de uma constituição forte, resistente ao frio, e se aquecia sozinho.

“Uma ilha”, ele começava, ao pedir a primeira cerveja enorme, como se estivesse suspirando para ele mesmo, mas num tom provocador e alto o bastante para que todos pudessem ouvi-lo. “Que estado da mente miserável. O cu do mundo.”

Os outros, ao que parecia, não o entendiam, mas gargalhavam com conhecimento de causa.

“Ei, Éric, quando você vai caçar baleias?”, gritavam, os rostos corados pelo fogo e pelo álcool.

Éric xingava profusamente, poesia pura, como ninguém mais faria, e isso era parte do ritual da noite. Pois todos os dias avançavam feito uma balsa puxada por cabos, de uma margem a outra, topando no caminho com as mesmas boias vermelhas cujo papel era quebrar o monopólio da água sobre o abismo, torná-lo mensurável e assim lhe dar uma impressão ilusória de controle.

Depois de mais uma cerveja, Éric já estava pronto para sentar junto dos outros e em geral fazia isso, embora ultimamente, à medida que bebia, seu humor tendesse a azedar. Permanecia sentado, com uma careta cheia de sarcasmo. Não contava mais as suas histórias de além-mares. Quando alguém o conhecia o bastante, sabia que elas jamais se repetiam, ou ao menos divergiam nos detalhes. Mas agora, cada vez com mais

frequência, não contava nada, apenas implicava com os outros. Um Éric malicioso.

Porém, também havia noites em que ele se exaltava, e então se tornava insuportável. Mais de uma vez, Hendrik, o dono desse pequeno bar, precisou intervir.

“Estais para embarcar, não é?”, gritava Éric, apontando o dedo para cada pessoa individualmente. “Cada um de vocês. Quando eu imaginaria viajar com uma tripulação com tão poucas mães humanas! Produzidos em algum lugar deste oceano repleto de tubarões! Ó vida! É em uma hora como essa, com a alma destroçada e presa do conhecimento, que as coisas brutais e sem orientação são forçadas a se manifestar.”

Para conciliar, Hendrik o puxava para o lado e lhe dava tapinhas amigáveis nas costas. Já os mais jovens riam às gargalhadas desse discurso esquisito.

“Deixe para lá, Éric. Você quer arrumar confusão?”, os mais velhos o acalmavam, aqueles que o conheciam bem, mas Éric não se deixava acalmar.

“Arre, irmão, dê um passo para trás. Eu atacaria o sol se ele me insultasse.”

Quando isso acontecia, a única coisa a fazer era rezar para que ele não ofendesse algum forasteiro, pois os locais não se zangavam com Éric. O que se podia esperar dele, agora que já enxergava o bar como se estivesse olhando através de uma cortina leitosa de plástico. O seu olhar ausente indicava que ele viajava pelos mares internos, a sua vela de estai já fora levantada e a única coisa que se podia fazer era levá-lo compassivamente para casa.

“Ouve novamente, homem desalmado”, Éric continuava a balbuciar, apontando o dedo para o peito de um amigo, “pois é com você que estou falando.”

“Vamos, Éric. Venha já.”

“Estais para embarcar, não é? Vossos nomes já estão nos papéis? Bem, bem, o que está assinado, está assinado, e o que tiver que acontecer acontecerá. Mas afinal das contas talvez não aconteça...”, balbuciava e voltava da porta para o balcão,